

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL

**HOMENS IDOSOS APOSENTADOS E SUAS REDES SOCIAIS**

Priscila Zazyki Marques

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientador Prof. Dr. Sergio Antonio Carlos

Porto Alegre  
2006

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos idosos que de algum modo auxiliaram este trabalho a se concretizar.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu esposo Carlos pela compreensão, paciência e apoio nos momentos difíceis, pelo estímulo constante e pelo auxílio na área de informática, sempre tão necessário na confecção de um trabalho deste porte.

A minha família pelo incentivo e carinho constantes.

Ao meu orientador Sergio Antonio Carlos, minha gratidão pela paciência, perseverança e motivação em todos os momentos desta trajetória.

Aos professores. Odair Perugini, Johannes Doll e Jaqueline Tittoni por aceitarem compor a banca e pelas contribuições a este estudo.

Aos demais Professores do Programa de Psicologia Social e Institucional pelo estímulo e presenças inspiradoras.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UFRGS que auxiliaram na concretização deste estudo. Em especial à Sandra Vieira Larratéia pelo apoio e questionamentos instigantes.

Aos meus colegas de Mestrado por dividirem os momentos de alegria e aflição na confecção deste trabalho, em especial a Márcia Jacoby, Nara C. Macedo de Figueiredo e Cristina Amarillo.

Em especial, aos idosos aposentados participantes desta pesquisa, pela confiança e por partilharem comigo alguns momentos de suas vidas.

## RESUMO

Parte-se da intersecção entre as questões do trabalho e da aposentadoria para contextualizar a relevância das Redes Sociais antes e depois da aposentadoria. A partir do entendimento de que o aposentado está inserido em redes sociais, constitui e se constitui através destas, busca-se compreender se a lógica do mundo do trabalho atua no universo social de homens aposentados, como esta interfere no uso do seu tempo livre e nas redes sociais, na passagem para a vida do não trabalho. Estudou-se então como se constituíam e se constituem hoje as redes sociais dos participantes da pesquisa, composta pelos seguintes grupos: família, parentes, colegas de trabalho, amigos e vizinhos e outros contatos. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dez (10) homens aposentados, membros da Associação Gaúcha dos Aposentados dos Correios e Telégrafos. Além de informações demográficas e sobre o trabalho utilizou-se o Mapa dos Cinco Campos de Samuelsson para investigar as redes sociais. As informações foram processadas através da Análise de Conteúdo segundo Bardin, utilizando-se do software *Qualitative Solutions Research Nvivo 2.0 (Q.S.R. Nvivo 2.0)* para categorização. Nos resultados destacam-se: o trabalho como algo positivo, promovendo o amadurecimento da pessoa e mesmo que tomasse tempo não era percebido de modo negativo. A aposentadoria provocou uma adaptação no dia-a-dia, principalmente em função do tempo que era ocupado pelo trabalho. O tempo liberado da aposentadoria era muito significativo na manutenção das redes sociais dos participantes da pesquisa. Não há, como mostrado pela teoria do desengajamento, um distanciamento dos grupos dos quais o idoso faz parte e conseqüente isolamento social. Com a aposentadoria o idoso se aproxima dos filhos e netos. Com relação aos parentes ocorre um distanciamento pela posição central que os idosos assumem nas suas famílias, e pela morte dos sogros, irmãos e primos. Com a aposentadoria o contato com os ex-colegas aumenta em número, mas diminui em proximidade, ocorrendo principalmente nas associações de classe. Inversamente, a relação com os amigos se intensifica e aumenta a intimidade. A relação com os vizinhos mantém-se muito semelhante à antes da aposentadoria. Nos outros contatos inseriram-se principalmente contatos com profissionais da área de saúde. Estes dados nos levam a concluir que: os laços dos idosos continuam a se modificar, inclusive aumentando em algumas áreas, que a aposentadoria facilita a aproximação voluntária dos idosos, e que os contatos sociais são afetados particularmente pelas dificuldades físicas que tendem a ocorrer no envelhecimento, e não pelo envelhecimento propriamente dito.

Palavras chaves: trabalho, envelhecimento, aposentadoria, redes sociais.

## ABSTRACT

In this research, the intersection of work and retirement matters is taken to contextualize the relevance of social networks before and after retirement. It is assumed that a retired person participates of social networks, impacts them and is constituted through them. We aim to understand whether the logic of the world of work is valid within the universe of social universe of retired males and how such logic interferes in the use of free time and the organization of social networks in the passage to a life off work. We studied how the social networks – composed of family, relatives, co-workers, friends, neighbors and other contacts – of the subjects of this research had been constituted before and presently. Data collection involved semi-structured interviews with ten (10) retired males, members of the *Associação Gaúcha dos Aposentados dos Correios e Telégrafos* (a state association of post office retired workers). Besides demographic and work information, the Map of Five Fields by Samuelsson was used to inquire social networks. Information was processed through Content Analysis according to Bardin with the software Q.S.R. Nvivo 2.0 (Qualitative Solutions Research Nvivo 2.0) for categorization. Results pointed out that work was regarded as positive because it promoted maturity; even though it took much of one's time, it was not perceived as negative. Retirement led to adaptations in daily routine. Free time resulting from retirement proved to be rather significant for the maintenance of social networks of the subjects of this research. There was no distancing from the groups the retirees already joined or consequent social isolation, as described in the Theory of Disengagement. Upon retirement, the elderly came closer to their children and grandchildren. As for relatives, there was some distancing owe to the central role taken up by retirees after the death of parents-in-law, siblings and cousins. After retirement, contacts with former co-workers increased in number but decreased in proximity with labor unions. Inversely, relations with friends were intensified as well as intimacy. Relations with neighbors remained quite the same as before retirement. As for other contacts, those with health care professionals were established. Such data led us to conclude that bonds continue to change and are even strengthened in some areas. Retirement facilitates voluntary proximity of the elderly; and social contacts are affected particularly by physical difficulties (which tend to arise as retirees get old) rather than the aging event itself.

Key words: work, aging, retirement, social networks.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gravura 1</b>	<b>Mapa dos Cinco Campos</b>	<b>32</b>
<b>Gravuras 2 e 3</b>	<b>Mapa dos Cinco Campos da Família</b>	<b>42</b>
<b>Gravuras 4 e 5</b>	<b>Mapa dos Cinco Campos dos Parentes</b>	<b>47</b>
<b>Gravuras 6 e 7</b>	<b>Mapa dos Cinco Campos dos Colegas de Trabalho</b>	<b>52</b>
<b>Gravuras 8 e 9</b>	<b>Mapa dos Cinco Campos dos Amigos e Vizinhos</b>	<b>59</b>
<b>Gravuras 10 e 11</b>	<b>Mapa dos Cinco Campos de Outros Contatos</b>	<b>66</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2 APOSENTADORIA, ENVELHECIMENTO E REDES SOCIAIS .....</b>	<b>10</b>
2.1 O Envelhecimento Populacional e o Envelhecer .....	10
2.2 A Aposentadoria e o Afastamento do Mundo do Trabalho .....	13
2.3 O Idoso e as Redes Sociais .....	21
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>28</b>
3.1 Participantes .....	29
3.2 Instrumentos para Coleta de Dados .....	30
3.3 Análise do Material .....	32
<b>4 AS TRANSFORMAÇÕES DAS REDES SOCIAIS COM A APOSENTADORIA .....</b>	<b>34</b>
4.1 Família .....	41
4.2 Parentes .....	47
4.3 Colegas de Trabalho .....	51
4.4 Amigos e Vizinhos .....	57
4.5 Outros Contatos .....	65
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO A - Entrevista .....</b>	<b>76</b>
<b>ANEXO B - Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O século XX foi um período de intensas modificações relacionadas ao idoso, em várias áreas do conhecimento humano foram feitos esforços no sentido de entender o processo de envelhecimento, salientando-se principalmente a antropologia, a psicologia e a sociologia. Através deste processo se delineou um novo entendimento do que é a velhice.

Em vários países da Europa, o envelhecimento da população já é um fato, mas no Brasil estamos enfrentando um envelhecimento muito rápido e volumoso. O aumento acelerado da expectativa média de vida a população de idosos no Brasil, ou seja, o envelhecimento da população brasileira é resultado da queda dos níveis de fecundidade e de mortalidade.

Segundo os demógrafos a população de idosos brasileiros aumentará de maneira significativa nos próximos anos. E esse cenário nos obriga à reflexão, pois além da questão do número de idosos que teremos que trabalhar, existe ainda o agravante da pobreza que complexifica a criação de políticas públicas para esta população.

Na contemporaneidade vivemos tempos velozes, onde a eficácia e a produtividade são cobradas em várias esferas - escolar, familiar, física, etc. - não se restringindo apenas ao mundo do trabalho. Somos educados para a produção, objetivamos o trabalho como meta principal em nossas vidas. Vivemos numa sociedade que supervaloriza a produção, em detrimento do sujeito. O trabalho é se apropria da vida do sujeito de tal modo que este tem pouco espaço para a vida com seus familiares e seus pares. Ao trabalhador sobra pouco espaço e estímulo para a manutenção das relações sociais fora as motivadas pelo trabalho.

Estes condicionamentos impõem uma dificuldade muito grande ao sujeito que se aposenta, pois abandonar o trabalho, compulsória ou voluntariamente, exige do sujeito um processo de adaptação a uma vida que é desvalorizada pelos contextos da inatividade, do envelhecimento e muitas vezes da pobreza. Este momento pode gerar certa desorganização individual e social, pois com a ampliação do tempo disponível, se não forem feitas as adaptações necessárias, pode gerar um sentimento de tédio e menos-valia. As tarefas que antes eram variadas e cheias de significado socialmente aceitos e reforçados, tendem a empobrecer e ocupar-se pode ser uma tarefa difícil, sem a atividade profissional.



Além desse aspecto da utilização do tempo, o envelhecimento ainda está marcado em nossa sociedade por representações contraditórias, nas quais se aponta para o envelhecimento como um momento onde o idoso poderia aproveitar a vida e compensar-se por todos os sacrifícios feitos. Mas também é um momento marcado socialmente pela improdutividade e pelo preconceito, onde o idoso é encarado como um ônus a sociedade.

Pesquisas na área das relações sociais apontam que neste momento da vida, ou seja, na velhice, os laços se enfraquecem e o idoso tende a se isolar socialmente. Mantendo principalmente os vínculos formais ligados aos cuidados de saúde. E o afastamento do trabalho viria apenas para contribuir neste isolamento.

Como podemos, a partir dessas questões, construir um entendimento acerca do processo de adaptação desses idosos a aposentadoria, como ficam seus vínculos sociais? Como se reestruturam os convívios com as famílias, os parentes, os amigos e vizinhos? Que novos contatos são constituídos? Como ocorrem os afastamentos e rompimentos?

É neste panorama que se delinea o objetivo desta pesquisa<sup>1</sup>. Entendendo que o homem é um ser que faz parte de grupos, que o grupo o constitui enquanto ser social e que a aposentadoria é um momento marcante na vida de um homem, exigindo uma série de adaptações para que o sujeito possa manter a qualidade de vida, é que este estudo se propõe a pesquisar qual a relação que existe entre o afastamento do mundo do trabalho, ou seja, a aposentadoria e as dimensões das redes sociais do homem idoso aposentado.

---

<sup>1</sup> O presente estudo é parte integrante do projeto Aposentadoria e Envelhecimento que está vinculado à linha de pesquisa Trabalho, Saúde e Subjetividade

## **2 APOSENTADORIA, ENVELHECIMENTO E REDES SOCIAIS**

Na realidade brasileira, em função principalmente das dificuldades financeiras, muitos idosos, mesmo aposentados, acabam mantendo o vínculo com o trabalho, tentando manter um nível mínimo de condições de vida. Paralelamente a este momento da vida, o sujeito vai também envelhecendo, e os primeiros sinais de declínio podem começar a aparecer. Este contexto leva o idoso a recolocar-se no cenário social, no qual seus papéis se modificam, bem como o seu entorno.

Em função destes possíveis rompimentos, a velhice acaba sendo concebida como um momento onde ocorre o afastamento do mundo social e o enclausuramento do idoso nas suas reminiscências. Mas muitos idosos conseguem levar esse momento da vida com grande satisfação e envolvimento social. O que acaba por garantir uma maior qualidade de vida, e dá ao idoso condições de continuar mantendo papéis importantes na sua identidade.

Neste tópico trabalhar-se-ão as questões teóricas buscando dar conta destas modificações, bem como do que ocorre nas redes sociais destes idosos que se aposentam.

### **2.1 O Envelhecimento Populacional e o Envelhecer**

O envelhecimento é um fenômeno mundial, e no Brasil se identifica pelo aumento da população maior de 60 anos no total da população, que passou de 4% em 1940 para 8,6% em 2000 (14,5 milhões). Ocorreu um aumento de nove vezes o número absoluto de pessoas com mais de 60 anos, projetando-se para aproximadamente 30,9 milhões em 2020 (Beltrão, Camarano e Kanso<sup>2</sup> apud CAMARANO, 2004, p. 25). Este processo de envelhecimento da população no Brasil é decorrente dos processos de alta fecundidade no passado (1950 e 1960) e a redução da mortalidade da população idosa. O ganho na esperança de vida da população brasileira, que passou de 58,5 anos para 67,5 entre 1980 e 2000, é resultado principalmente da redução da mortalidade infanto-juvenil, seguida por uma queda da mortalidade na idade adulta. (CAMARANO, 2004).

---

<sup>2</sup> BELTRÃO, K. I., CAMARANO, A.A., KANSO, S. Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX. Rio de Janeiro: IPEA, ago. 2004 (Texto para discussão, 1.034)

O conceito de idoso identifica sujeitos num determinado ponto do ciclo de vida orgânico e social, mas Camarano (2004) acredita que o critério de idade cronológica não é adequado, pois não dá conta de toda a complexidade de uma população definida por um intervalo etário muito amplo (aproximadamente 30 anos), caracterizado pela heterogeneidade. O uso da idade para definir quem é idoso, é socialmente construído e tem como consequência um poder prescritivo, pois acaba criando expectativas em relação aos papéis sociais, e em decorrência disto exercendo formas de coerção levando o sujeito ao cumprimento desses papéis (LASLETT<sup>3</sup> apud CAMARANO, 2004,p.6).

O envelhecimento é também um fenômeno natural definindo-se como um processo gradual que ocasiona mudanças a nível biológico, psicológico e social através do tempo. O envelhecimento biológico estaria relacionado àquelas mudanças físicas relativas a redução da eficiência dos órgãos do corpo, como as mudanças na aparência física, o declínio do vigor e a diminuição da resistência a enfermidades. Já o envelhecimento psicológico ocorre quando se debilitam os processos sensoriais e perceptuais, incluindo o envelhecimento cognitivo e afetivo. O primeiro estaria relacionado a diminuição da capacidade de aprender e o segundo a redução da capacidade de se adaptar ao meio. E o envelhecimento social seria composto das modificações relativas aos hábitos sociais, aos papéis e as relações no âmbito social com familiares, amigos, grupos religiosos e outros. (SANCHEZ SALGADO, 1999)

O envelhecimento está ligado a este declínio das capacidades físicas, a fragilidades psicológicas e comportamentais, mas este status é atribuído mesmo àqueles que não apresentem características relacionadas à velhice, pois o sujeito já atingiu a idade determinada para esta fase da vida. Mas o ser idoso de hoje é diferente do que era no passado, devido principalmente ao aumento da esperança de vida, as melhorias nas condições de saúde decorrentes dos avanços da medicina e a ampliação da Seguridade Social (CAMARANO, 2004). Mas, mesmo frente a estas questões relativas ao declínio em várias áreas, é possível manter uma qualidade de vida também na velhice, segundo Néri (1995) isto ocorre quando há uma interação entre as características individuais e socioculturais, aumentando desse modo as possibilidades de envelhecer bem.

---

<sup>3</sup> LASLETT, p. What is old age? Variation over time and between cultures. International studies in demography: health and mortality among the elderly, issues for assessment. New York: Oxford University Press, 1996.

A partir desse entendimento das várias facetas do envelhecimento, pode-se compreender que ele, além de se dar pelo aspecto biológico, é também uma construção social. Inúmeras modificações ocorrem paralelamente ao declínio físico, e estas são determinadas pelo ambiente social e pela cultura na qual o idoso está inserido. Este movimento constitui-se num marcador social, através do qual a sociedade indica um lugar a este idoso, “e este segmento populacional lhe atribui peculiaridades específicas em suas representações e lhe brinda ou nega espaços sociais”. (SANCHEZ-SALGADO, 1999, p. 26).

Harvighurst<sup>4</sup> (apud ERBOLATO, 2002) faz uma análise mais social das adaptações relativas a velhice inclui um ajustamento as dificuldades relacionadas à saúde, a adaptação a aposentadoria, a diminuição da renda, a perda do parceiro, a conservação de relações e afiliações a grupos de idade semelhante. Já Sanchez Salgado (1999) coloca que a velhice é aquela fase da vida em que o idoso precisa encontrar utilidade para as aprendizagens e adaptações nas etapas prévias da sua vida, precisaria também superar a saída dos filhos de casa e o afastamento do seu trabalho. Esse processo de adaptação levado a cabo é fundamental na manutenção da qualidade de vida dos idosos, e apesar de em nossa sociedade ser corrente a idéia de que o idoso tem mais dificuldade de adaptação que em outras fases da vida, Sanchez-Salgado (1999, pg. 108) coloca que “a velhice não produz declínio na flexibilidade emocional ou na habilidade para se adaptar”. Entendendo que nesta fase da vida o idoso deve se ajustar, se adaptar as mudanças para alcançar um nível de satisfação como em qualquer outra etapa do ciclo vital.

Este processo de envelhecer não é decorrente apenas do sujeito, ele depende também como a sociedade se relaciona com os idosos, pois isto vai interferir no modo como eles experimentam este período da vida. Uma das bases para a discriminação existente em nossa sociedade contra os idosos está baseada na relação entre a velhice e a aposentadoria. A ONU propôs em 1982 o início da terceira idade baseada na idade para aposentadoria que era estabelecida na maior parte dos países. Neste momento se criou um cenário onde houve uma associação entre estas situações, na qual o velho é aquele “percebido como não mais produtor de bens e serviços e, portanto, marginalizado nos contextos sociais pautados pelo valor produtivo”. (CARLOS et al.,1999, p.78-79)

---

<sup>4</sup> HARVIGHURST, R.J. Human Development and Education. New York: David McKay, 1964.

Como pontuado anteriormente, a heterogeneidade é uma característica da população de idosos do Brasil. Mas uma particularidade pode ser destacada que é a questão de gênero associada à população de idosos. No Brasil o contingente feminino é mais significativo do que o de homens, onde cerca de 55% são mulheres. Este fenômeno se evidencia quanto mais idoso for o segmento. (CAMARANO, 2004). Os estudiosos prevêm que este seja um quadro que se intensifique daqui para frente, e em função desta característica, podemos entender por que existem muito mais pesquisas relacionadas às mulheres do que aos homens.

Outra situação que caracteriza o envelhecimento no Brasil é um enfraquecimento da base familiar, devido a diminuição da taxa de natalidade, o que acarreta uma diminuição do suporte ao velho. (MOREIRA, 2003). Em função das dificuldades econômicas no Brasil, percebeu-se que as famílias com idosos estão em melhores condições econômicas que as que não tem, com um rendimento mensal *per capita* mais elevado (CAMARANO, 2004). Segundo o Censo Demográfico de 2000, a participação do rendimento do idoso na renda familiar é de 58,5%, compondo um cenário onde ele se torna um membro importante na manutenção financeira das famílias, propiciando ao idoso maior capacidade de oferecer suporte familiar (CAMARANO, 2004).

Sabe-se que o envelhecimento está muito marcado pela vulnerabilidade imposta pelas dificuldades físicas e pela perda de papéis, mas envelhecer também tem aspectos positivos nas sociedades atuais, como os levantado por Riley<sup>5</sup> (apud SANCHEZ-SALGADO, 1999, p.32). A autora entende que o fato de envelhecer possibilita o aumento das oportunidades de acumular experiência de vida, aumentam as chances para completar as mudanças que acontecem na meia idade, se prolongam às relações com as outras pessoas e, enfim, aumenta o potencial das redes sociais (já que seus membros também são sobreviventes). Estas conseqüências possibilitam uma ocasião “para acumular experiências, desempenhar novas funções e expandir outras, responder as mudanças sociais e influencias nele mesmo”.

## **2.2 A Aposentadoria e o Afastamento do Mundo do Trabalho**

---

<sup>5</sup> RILEY, Matilda. On the significance of age in sociology. American Sociological Review, 52 (1), 1-14. (1987)

Uma modificação social importante que acontece na velhice é a aposentadoria, sendo que este momento será sobremaneira influenciado pelo modo como o idoso viveu sua identidade de trabalhador. Portanto, conhecer como o idoso se estruturou enquanto trabalhador auxilia na compreensão mais aprofundada deste momento da vida. Ao trabalho estão associadas várias idéias muitas vezes contraditórias. Segundo Albornoz (1994), na língua portuguesa a palavra trabalho pode ter muitos significados. Mesmo estando relacionado a formas elementares de ação do homem, o seu conteúdo pode variar sendo possível associar o significado de trabalho como o ato de realizar uma obra que expresse o sujeito, dando reconhecimento social. O trabalho também pode ser percebido como aquele esforço rotineiro e repetitivo, privando o sujeito da liberdade e causando incômodo. A palavra trabalho vem do latim tripalium (instrumento usado pelos agricultores para bater o trigo e outros cereais), mas a maioria dos dicionários refere-se a tripalium como um instrumento de tortura. Em algumas situações, portanto, o trabalho pode estar relacionado a dor, tortura, fadiga, e em outras pode designar a ação humana de transformar a matéria em objeto de cultura, criando instrumentos que possibilitam sua sobrevivência e realização. (ALBORNOZ, 1994) Ainda, segundo Anna Arendt (1981, p. 113), a palavra trabalho sofreu uma transformação, na qual se lhe atribuiu uma positividade, fazendo-a ascender como “a mais valorizada das atividades humanas”, tida ao longo da história como fonte da propriedade, de riqueza e como “expressão da própria humanidade do homem”.

O contexto do trabalho que hoje se vivencia foi decorrente de uma transformação histórica que teve início no processo de estabelecimento da sociedade industrial. A nova conformação que se constituiu a partir daí, visava transformar o tempo dos homens em tempo de trabalho, fosse através da produção em si ou mesmo na recuperação das forças para uma nova jornada de trabalho. O aparelho produtivo procurava, dessa maneira, ocupar o tempo do trabalhador da melhor forma possível, exercendo o controle não somente no interior da fábrica, mas estendendo-se à vida cotidiana.(FOUCAULT, 2005). Neste sentido, o capitalismo teve um aliado importante que foi a igreja, e esta, via protestantismo e suas ramificações, atuou de forma simbólica propagando a doutrina do trabalho como meio de atingir a felicidade, mas esta, no entanto, era adiada para uma vida futura. Foi necessário um processo educativo inculcando na “plebe vadia” o dever vocacional e o “gosto” pelo trabalho, sendo que este deveria ser assumido como um fim em si mesmo, fazendo desaparecer as antigas

relações do homem com o trabalho (grifos do autor – MORAIS, 1998). O trabalho era uma forma de louvar a Deus, portanto existia a condenação do descanso, da perda de tempo de trabalho, do gasto de tempo nas atividades desinteressadas. A ociosidade significava que o homem não atingiria o estado de graça, e as conseqüências desta atitude representavam, além da perda do trabalho, a condenação às chamas do inferno. Houve, portanto uma qualificação moral da atividade secular pelo protestantismo, dando base de apoio para o desenvolvimento do espírito do capitalismo. Sobre essa base pôde se desenvolver um sistema fabril que rompia com as características inerentes ao antigo trabalhador. Desfaziam-se também, as relações do homem com o seu tempo. O novo trabalhador está vinculado ao sistema fabril através da obediência e disciplina, reforçando-se os vínculos com a máquina e estabelecendo-se um ritmo de vida único, empobrecendo o dia a dia do trabalhador. (MORAIS, 1998).

Esta configuração histórica possibilita entender como em nossa sociedade o trabalho recebeu tamanha importância. Hoje o papel de trabalhador tem lugar de destaque entre os papéis sociais representativos do Eu (CARLOS et al, 1999). O trabalhador é um sujeito que está pressionado a responder a certas expectativas que se internalizam através desta sua posição (o lugar de trabalhador), constituindo este sujeito, se naturalizando em seu corpo e sua mente, constituindo-se como base do modo de agir e de ser no mundo (FONSECA et al 2002). O trabalhador é, portanto, aquele sujeito que está “[. . .] atado às normas sociais e construído nas tramas que definem tais normas, opondo-se às concepções de sujeito autônomo e livre, associadas à idéia de indivíduo” (NARDI et al 2002, p.240).

Esta construção do espaço vital vai constituir, forjar a identidade do trabalhador, identidade que não é estática, mas sim como propõe Ciampa (1993), é uma metamorfose, onde o sujeito é constituído a partir das relações sociais em um contexto histórico determinado. A identidade, segundo Mattos (2005) está vinculada de modo inseparável aos processos sociais, que a originam, a mantêm e a transformam. Pode ser compreendida também como a imagem de si mesmo e esta vai se formando em um “permanente interjogo entre a construção interna do psiquismo e as realidades externa, cultural, social e econômica”. Ela modifica-se como resultante de inúmeros intercâmbios, através dos quais ocorrem reajustes permanentes. (VIGERA, 2000). A identidade seria, então, aquilo que o “indivíduo reconhece como sendo ele mesmo,

significa-se e re-significa-se na trajetória de vida a partir da inserção do indivíduo em conjuntos de relações sociais”. (CARLOS et al., 1999, p.84).

Assim também se constitui a identidade do idoso, ou seja, a partir de sua experiência num contexto sócio-histórico, através do qual ele “incorporou a identificação objetivada e pressuposta em suas relações sociais; adotou a posição de papéis e expectativas sociais sobre quem é e como deve agir” (MATTOS, 2005, p. 3). Neste contexto de construção da identidade, o papel de trabalhador tem importância significativa, pois é um atributo socialmente valorizado pelo imaginário social, mostrando-se a consciência “do sujeito como um elemento definitório de grande significação na “identidade psicológica””.(COSTA<sup>6</sup> apud CARLOS et al, 1999, p.85).

O espaço profissional e/ou a categoria a que o profissional está ligado fornecem prestígio ou desprestígio social, bem como “atributos de qualificação ou desqualificação do eu”, proporcionando inserção social (CARLOS et al, 1999, p. 85-86) A partir dessa identidade de trabalhador desdobramentos podem ser esperados para o momento em que o idoso se afasta do trabalho através da aposentadoria na qual ele perde o seu papel profissional. Os modelos de identificação construídos ao longo da vida do trabalho formal constituem o papel de trabalhador como positivo e apropriado à representação do eu, proporcionando à identidade de trabalhador “significância ímpar na existência”. Por meio da aposentadoria, o idoso perde o grupo social ao qual pertencia, e conseqüentemente perde também a “carga” afetiva relacionada a este pertencimento. Mesmo que ocorra o afastamento da tarefa de trabalho, a “identidade de trabalhador se mantém como referencia identitária, pois não se rompem os modelos de identificação”. (CARLOS et al., 1999, p. 85-87).

Compreender este processo de constituição da identidade do sujeito, baseada na supervalorização da identidade de trabalhador, nos auxilia a entender as dificuldades que podem advir no momento em que o idoso deixa o mundo (mercado) do trabalho, isto é, no momento em que ele se aposentar. A compreensão da identidade como sendo algo mutável e dinâmica, se constituindo por meio de transformações constantes, possibilita entender o momento da aposentadoria como mais uma etapa, onde, através

---

<sup>6</sup> COSTA, Jurandir Freira. Psicanálise e Contexto Cultural. Rio de Janeiro, Campus, 1989.



de interação social, o aposentado continua esse movimento de constituição de sua subjetividade<sup>7</sup> até o fim da vida.

O fato de o homem chegar a velhice e ter um rendimento lhe amparando é um fato relativamente recente na história. A aposentadoria, tal como a conhecemos hoje, foi uma instituição da sociedade industrial moderna, sendo resultado de um longo período de lutas da classe trabalhadora. (RODRIGUES, 2000, p. 26) A aposentadoria está associada a “perda do papel profissional e o afastamento dos relacionamentos ligados ao contexto ocupacional”, podendo tornar-se um marco do início da velhice. (ERBOLATO, 2002, p. 961).

A generalização da aposentadoria cria uma certa identidade para a velhice, caracterizando-as como a etapa da inatividade profissional, mesmo que o sujeito não seja velho sob o ponto de vista biológico. Salgado entende que as perdas decorrentes da aposentadoria (perda do papel profissional, familiar e frente à sociedade como um todo) leva a interiorização emocional destas fazendo com que o aposentado afaste-se da sociedade, e vice-versa, pois a sociedade também deixa de convocá-lo a participar, não reconhecendo sua existência social. “Assim, a estrutura social também é uma das responsáveis pelo isolamento do idoso”. (SALGADO, 1993, p.18)

A aposentadoria pode estar vinculada, na realidade brasileira, segundo Carlos et. al (1999) à idéia de retirar-se aos aposentos, onde o aposentado se recolheria ao espaço privado (ligado ao status depreciativo de abandono e inatividade) ou a idéia de jubileamento, ligando-se a uma compreensão otimista (conotação de prêmio, recompensa e contentamento). A aposentadoria, segundo Victorelli (2005), deveria ser considerada como um prêmio, dando ao aposentado o direito de distribuir seu tempo livremente, bem como a permissão para o investimento em si próprio, mas infelizmente isto muitas vezes não se concretiza. A aposentadoria, portanto, pode ser marcada pela ausência de papéis sociais a serem desempenhados; onde a inexistência de novos planos e objetivos para a vida nesta fase e a representação negativa que é feita da velhice, pode contribuir para que se inicie neste momento o processo de isolamento social das pessoas que por direito chegaram à aposentadoria (FERRARI, 2002).

---

<sup>7</sup> A subjetividade é efeito de “variadas máquinas de subjetivação, que operam como dispositivos de agenciamentos coletivos, estruturantes de lógicas capazes não só de se consolidarem, como sistema de idéias, mas também de esculturar corpos, gestos e desejos”. (GUATARRI E ROLNIK, 1986, p.27)

Os aposentados são estigmatizados, sob a visão de Fericgla (1992), por que tem sua identidade social deteriorada. Eles deixam de pertencer a uma categoria social definida positivamente, e passam a pertencer a um segmento que não tem uma identidade positiva, “nem um lugar definido dentro da rede social”. Portanto, eles estão fora da estrutura vertebral de nossa sociedade. (p. 140-143) Segundo Sanchez-Salgado (1999, pg. 118) o trabalho atua “como fonte de identidade pessoal e social” onde o emprego torna-se “fonte de orgulho e identidade”, sendo assim o significado da aposentadoria está bastante atrelado ao modo como o sujeito se relacionou com o mundo do trabalho. E numa sociedade onde “a importância e a exaltação máximas, conferidas ao trabalho concedem ao papel de trabalhador lugar de destaque entre os papéis sociais representativos do Eu” (CARLOS et al, 1999, p. 84), perder este papel pode fazer com que o sujeito sinta como se estivesse regredindo, perdendo seu status e sendo desvalorizado socialmente (FERRARI, 2002). Este cenário de supervalorização do papel de trabalhador pode levar à vivência da aposentadoria não como um direito ou uma conquista, mas um período indesejável, carregado de tédio, marginalização e de preocupação econômica para muitos. Em pesquisa realizada por Carlos et al (1999) constatou-se que os valores da cultura da classe trabalhadora continuam funcionando como referência mesmo para os aposentados. Fazendo com que o afastamento do mercado de trabalho, que deveria promover uma ressignificação no cotidiano de vida, seja, muitas vezes, acompanhado de sentimentos de angústia e tristeza. (JACQUES, 1999).

Ao se aposentar a sensação inicial do aposentado é de profunda desorientação, pois o sujeito não foi acostumado a dispor de todo o tempo livre de obrigações e para dedicá-lo ao que quiser. Em pesquisa realizada por Fericgla (1992) 46,8% da amostra considerou a perda do trabalho como a perda de uma dimensão importante da vida, não se relacionando ao trabalho apenas, mas ao ritmo, ao estilo de vida e as relações sociais derivadas do trabalho. A aposentadoria leva as pessoas a se adaptarem a um novo esquema de vida, sem o prestígio anterior, sem o reconhecimento do trabalho e sem a convivência com os companheiros. Quanto ao aposentado “pode-se dizer que, da mesma forma que aprendeu uma profissão, terá de aprender a viver sem ela e com todos os problemas e conflitos disso decorrente”. Para aqueles sujeitos cujos laços de parentesco são mais escassos o trabalho significa uma companhia, diminuindo a solidão. Agora uma segunda socialização lhe é exigida implicando em aprender a “conviver com

o fato de ser velho, viúvo, aposentado, dependente de outros, ou mesmo, por estranho que pareça, de ser livre”. (SALGADO, 1993, p.2)

Sanchez Salgado (1999) coloca que nesta fase da vida deve ocorrer um ajuste às mudanças se os idosos querem alcançar um nível de satisfação como em qualquer etapa do ciclo vital. Aquele que não consegue se adaptar pode desenvolver depressão, perda da auto-estima e não muito raro morrer de forma prematura, refletindo que a capacidade de produzir está mais valorizada que a própria vida do aposentado que só consegue se perceber como um ser integrado enquanto trabalhador.

A Gerontologia utiliza-se de muitas teorias que foram criadas para explicar como se processam estas questões de adaptação de adaptação à aposentadoria e ao envelhecimento. A Teoria do Desengajamento será usada para explicar a temática das redes sociais na aposentadoria devido a ênfase que dá à questão dos vínculos. Esta teoria entende que nesta etapa do envelhecimento os idosos prefeririam, desejariam a redução de contatos sociais (desvinculação) o que ocasionaria uma diminuição das redes sociais, e conseqüente felicidade e bem estar. O desejo de expansão do espaço vital seria, desse modo, contraditório com o fim da vida. Esta desvinculação, ou desengajamento ocorre por vontade do sujeito e seria um processo inevitável. O afastamento se daria também pela via da sociedade, que liberaria o idoso de seus papéis sociais e suas obrigações. O engajamento social pode também significar certo sacrifício levando-se em conta possíveis limitações físicas ou mentais advindas do envelhecimento. Engajar-se pressupõe cumprir com diversas funções, corresponder através de seu desempenho à expectativas dos membros do grupo social. Para Salgado (1993), ocorreria um distanciamento amplo entre o sujeito e o grupo, mas persistiria um sentido de solidariedade que não interrompe a ligação entre ambos.

Um aspecto positivo desse afastamento é que o idoso, ao se desvincular, teria um período de maior liberdade, não precisando acatar a determinadas normas sociais. (LEHR, 1980). De acordo com a teoria do desengajamento, a aposentadoria seria um instrumento de retirada do idoso da sociedade consentido pela mesma. Esta retirada seria um modo de auxiliar o idoso a concretizar uma série de projetos não acabados e interesses particulares, no espaço de tempo que resta. O desengajamento, portanto, libera o tempo do idoso para a consecução destes planos. (SALGADO, 1993).

A maior crítica que se faz a essa teoria é o seu caráter universal, pois o desengajamento não ocorre do mesmo modo, ou seja, não é um processo uniforme para todos os sujeitos. (SALGADO, 1993) Havighurst<sup>8</sup> (apud LEHR, 1980) ressalta a importância de levar em consideração os componentes individuais, pois esses contribuem para uma velhice satisfatória. Neste sentido, algumas pessoas com comportamento mais passivo e um estilo mais caseiro se sentem melhor quando podem se retirar da comunidade, experimentando “um alívio na ruptura de vínculos sociais e a diminuição de deveres concomitantes”. Já aquelas que se orientam mais ao exterior, só conseguem atingir este estado de satisfação quando se mantêm ativas e integradas na sociedade, resultando numa maior variedade de papéis. (LEHR, 1980, p. 251)

Havighurst (apud LEHR, 1980, p.251) percebeu a existência de um processo chamado de desvinculação seletiva segundo o qual há uma “redução da atividade social em determinados setores, sobre tudo no da profissão, coincidindo com um aumento da mesma em outros (por exemplo, nos familiares)”. Nesta mesma linha de compensação, parece que existe também umnexo entre os contatos familiares e os contatos sociais extra-familiares, segundo o qual os idosos buscariam o contato com os familiares na falta de outros contatos fazendo com que aumente a dependência dos recursos afetivos da família. Isto ocorre também na relação com os filhos, pois na falta de proximidade nessas relações, os idosos se voltam para outros parentes ou conhecidos. (LEHR, 1980).

Além dessa questão da compensação nas relações do sujeito, Lehr (1980, p.253) identificou através de suas pesquisas que haveria uma modificação na teoria da desvinculação, ocorrendo na realidade uma desvinculação transitória que apareceria como uma reação a situação de sobrecarga emocional gerada pela aposentadoria. E depois desse estágio de transição, viria “uma forma renovada de vinculação, em que o aumento da atividade e o sentimento de ser útil, coincidem positivamente e com um estado positivo de ânimo”. Lehr (1980) destacou ainda que o desejo por contatos familiares, bem como as queixas em relação a estes, estavam mais presentes na fala de pessoas que centraram seus contatos sociais exclusivamente na família. Já aqueles idosos que estabeleceram e cultivaram ao longo da sua existência, contatos dentro e fora do âmbito familiar, na velhice não necessitavam tanto da família.

---

<sup>8</sup> HAVIGHURST, R. J. Successful Aging. En: TIBBITTS, C. E DONAHUE, W. Processes of Aging. Williams, Nueva York, 1963, 299-320.

O que se percebe é que a entrada na aposentadoria leva o sujeito a elaborar a perda de papel social e a ressignificar seus vínculos, pois este idoso não está isolado no universo, pelo contrário, ele se constitui é na interação com os outros (processo que não cessa ao longo da vida), nos vários grupos dos quais este idoso fez e faz parte. O tempo liberado com a aposentadoria pode significar a retomada de antigos vínculos, e a constituição de novos, pois, como nos apontam as ciências da complexidade, o sujeito que não é um átomo social, mas sim uma unidade heterogênea e aberta ao intercâmbio, é uma organização emergente da interação. O sujeito só advém como tal na trama relacional de sua sociedade. As fronteiras do sujeito, portanto, não estão limitadas por sua pele senão que incluem a todo aquele com quem o sujeito interage: família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária e de práticas sociais, isto é, basicamente as suas redes sociais.

### **2.3 O Idoso e as Redes Sociais**

As redes sociais são, segundo Bateson<sup>9</sup> (apud SLUZKI, 1998), um nível intermediário da estrutura social que nos auxiliam a uma melhor compreensão dos processos de integração psicossocial, de promoção do bem-estar, do desenvolvimento da identidade e da consolidação dos potenciais de mudança. Sluzki (1998, p. 42) reconhece que a “rede social pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade”. Elas contribuem substancialmente para o próprio reconhecimento do sujeito e constitui uma das chaves centrais da experiência individual de identidade, bem-estar, competência e protagonismo ou autoria, incluindo hábitos de cuidados de saúde e a capacidade de adaptação em uma crise.

Já Elina Dabas (1995, p.21) define rede social como sendo “um sistema aberto que através de um intercâmbio dinâmico entre seus integrantes e com integrantes de outros grupos sociais, possibilita a potencialização dos recursos que possui”. Implica, portanto, num processo de construção permanente tanto individual como coletivo, no qual as diversas aprendizagens que uma pessoa realiza se potencializam quando são socialmente compartilhados.

---

<sup>9</sup> BATESON, G., JACKSON, D.J. e WEAKLAND, J.H. Toward a theory of schizophrenia. Behavioral Science, 1 (4), p. 251-264, 1956.

Bott (1976) pesquisadora inglesa pioneira no estudo das redes sociais, explicita a relação do sujeito com o meio externo da seguinte forma:

“As pessoas não adquirem sua ideologia, suas normas e seus valores unicamente por um ato de interiorização, a partir do mundo externo. Elas também reelaboram os padrões que interiorizaram; elas os conceituam em uma forma nova, e os projetam de volta para a situação externa. Quanto mais variada for sua experiência social e quanto mais desvinculados forem os padrões que elas interiorizam, mais novos arranjos internos elas devem, obrigatoriamente, fazer”.(BOTT, 1976, p.217)

As redes sociais, para além de serem um nível de análise, constituem-se como uma base para a formação da identidade do sujeito. Sendo que através das trocas advindas daí, o sujeito tem a possibilidade de reconhecer-se enquanto tal. Considerando que a velhice é uma fase que requer modificações contínuas, como outras fases da vida, percebe-se que essas modificações até podem ser de ordem pessoal, mas não ocorrem em situação de isolamento. A vinculação com o outro é muito importante no processo de envelhecimento, mesmo que a teoria do desengajamento aponte para a desvinculação social do idoso. Os outros proporcionam ao sujeito indicações de “estar em dia com suas realizações”, servindo de parâmetro através do qual o sujeito avalia o ajustamento (adequação) de seus comportamentos, sentimentos e conquistas. Em função desta tendência de buscar o retorno através de quem está a sua volta, é natural que o idoso procure manter relacionamentos que facilitem as comparações e adaptações, ou seja, “por meio dos outros, cada um pode confirmar a idéia que faz de si mesmo: sua capacidade, seus valores, opinião e sua competência”. (ERBOLATO, 2002, p. 957-959)

Sendo assim, o processo de envelhecer ocorre no social e pelo social, e neste sentido, as relações do idoso com aqueles que compõem sua rede social são de fundamental importância para se compreender o processo de afastamento do mundo do trabalho e o envelhecimento. Pela via do social o sujeito aprende formas de comunicação, regras de convívio, adquire conhecimento sobre si e o mundo. Enfim, através desse processo de dar-se significação, que continua constituindo-se a identidade do idoso. (ERBOLATO, 2002)

Antonucci aprofundou suas pesquisas na área de redes sociais e afirma que mais importante do que conhecer as características objetivas da rede social de um sujeito, é

revelar o conteúdo e a qualidade, ou seja, o suporte social dessas redes. (ANTONUCCI, 2001, p.428)

Pesquisas têm mostrado que as relações sociais auxiliam os sujeitos a se prepararem para encarar as exigências da vida, incluindo aquelas relativas ao envelhecimento. Documentou-se que aquelas pessoas que relataram ter mais vínculos sociais com amigos e organizações eram mais aptas a manterem-se ativas do que aquelas que tinham menos ou não tinham vínculos. Muitas pesquisas foram realizadas nos EUA associando as relações sociais e aspectos de saúde física e mental, como depressão, câncer, doenças cardíacas, demências entre outras. Através destas percebeu-se que a base de proteção fornecida pelos relacionamentos sociais leva a uma melhor saúde mental, menor angústia, permitindo ao sujeito crescer e se desenvolver, sendo capaz de vencer os desafios da vida. Já o contrário, pessoas que se sentem sozinhas ou tem relações hostis tem seu nível psicoimunológico baixo, o que pode fazer com que fiquem doentes mais facilmente, e demorem mais para se recuperarem. (ANTONUCCI, 2001)

Os relacionamentos podem ter vários objetivos, entre eles destacam-se: o suporte instrumental (ou seja, ajuda prática através da troca de bens ou serviços) e o suporte psicológico ou emocional (que são as trocas de afeição, informações, confidências e conselhos, mas referindo-se também reafirmação da auto-imagem, confirmação de valores e opiniões). (ANTONUCCI E JACKSON<sup>10</sup> apud ERBOLATO, 2002, p. 960)

Mesmo que o processo de estabelecimento das redes sociais se dê ao longo da vida, Hassan<sup>11</sup> (apud FOOKEN, 2005) traz à tona uma crítica a questão do desenvolvimento humano no qual o sujeito ruma em direção da obtenção da autonomia e individuação, pois sob esta ótica as relações sociais possuiriam um valor inferior sendo negligenciadas. Esta crítica está baseada na proposta de David Bakan<sup>12</sup> (apud FOOKEN, 2005) segundo a qual ao ser humano se colocaria uma dualidade, ou seja, por um lado existe o desejo de ser integrado e unido aos outros (chamado de “communion”) e por outro lado, existiria também o desejo de ser independente e autônomo (chamado de “agency”). A característica de “agency” estaria relacionada

---

<sup>10</sup> ANTONUCCI, T.C e JACKSON, J.S. Successful aging and life course reciprocity. In: Warnes A (ed). Human aging and later life: multidisciplinary perspectives. London: Hodder e Songlinton. P.83-95. 1989.

<sup>11</sup> HASSAN, A. Bar-Yam, Bar-Yam, M. Intepersonal development across the life-span: Communion and its interaction with agency in psychosocial development. In: J.A. Meachman (ed.), Interpersonal relations: Family, peers, friends. Basel: Karger. (1987)

àquelas características inerentes ao estereótipo do papel masculino, ou seja, a autodeterminação, a independência, as relações delimitadas, o desempenho, a força e um certo isolamento. Já a “communion” vincula-se àquelas peculiaridades relacionadas ao papel feminino, ou seja, a necessidade de comunhão, solidariedade, proximidade, o sentimento de pertencimento, e o fato de se colocar em segundo plano, apresentando dificuldade para separar-se.

Estas tendências relacionadas ao gênero levariam homens a mulheres se vincularem de modos diferentes. Segundo Fooken (2005, p.5) o homem tenderia a se “desenvolver” na direção de maior autonomia, procurando ser independente dos outros. O que poderia levá-lo a solidão na idade mais avançada. Já as mulheres são estimuladas a se vincularem, ao contrário dos homens, o que gera uma dificuldade de existir, de ser percebida como uma individualidade autônoma. Hassan (apud FOOKEN, 2005) propõe que o sujeito tente unir estas tendências, ou seja, objetivar a individuação bem como desenvolver as relações interpessoais, pois o sujeito que se desenvolve baseado em apenas uma destas tendências provavelmente apresentará dificuldades. Portanto, segundo Fooken (2005) o ideal é que as mulheres assumam mais a tendência “agency”, sem abrir mão da sua orientação básica, e os homens desenvolvam a tendência “communion” sem abandonar sua tendência a “agency”.

Estas tendências seriam capazes de afetar inclusive a expectativa de longevidade. Percebeu-se através de pesquisas que em homens com idades entre 60-70, a expectativa de longevidade estava relacionada a uma orientação mais ao social e interpessoal, do que ao individual. Foram, portanto, as características de “communion” que auxiliaram estes homens, mesmo na presença da tendência do tipo “agency”. Já no grupo das mulheres ente 60-70 anos, a longevidade era mais expressiva quando elas tinham um interesse maior por assuntos políticos e públicos, e um distanciamento sócio-emocional de outras pessoas. Elas, portanto, valorizavam mais as questões de ordem pessoal e menos as de ordem social, sem se desfazer das características de “communion”. O resultado deste jogo é o desenvolvimento de uma “competência andrógena, sem o abandono da identidade sexual de cada” indivíduo. (FOOKEN, 2005, p.20-21).

Antonucci (2001) também percebeu diferenças entre as relações sociais de homens e mulheres, nas quais as mulheres manteriam relações mais íntimas, mais

---

<sup>12</sup> BAKAN, David. The duality of human existence. Boston: Beacon Press. (1966)



intensas e de melhor qualidade. Já as redes sociais dos homens seriam mais ligadas e dependentes da esposa, sendo que ela faria a ligação do homem com a família e os amigos. Se isto, por um lado, acaba poupando-os dos problemas das pessoas formadoras da rede, também os deixa mais distante das relações mais íntimas.

A vinculação com as pessoas da rede social, no entanto, não é homogênea, os vínculos e a proximidade são diferentes e isto ocorre por um modelo particular das pessoas se agruparem ao longo da vida. Antonucci e Akiyama<sup>13</sup> (1987 apud ERBOLATO, 2002, p. 959) perceberam a formação do que denominaram “comboio” na formação e manutenção das relações sociais. Segundo este modelo o sujeito “passa pela vida acompanhado por um grupo de pessoas que o cercam, com quem são trocados suportes sociais e que, hipoteticamente, o protegem”. Este efeito protetivo ocorreria por que a rede auxilia-o a preservar sua auto-estima, seu senso de controle e de eficácia, resultando num sentimento de bem-estar. Estes sentimentos seriam proporcionados a todos os que fazem parte do comboio, fazendo com que se mantenham seus aspectos estáveis e dinâmicos.

Segundo Antonucci (2001) o comboio teria uma estrutura mais estável, ao que ele chama de estrutura conceitual, que seria formada por dados pessoais da rede, como por exemplo a idade, o gênero e a personalidade dos integrantes da rede. Mas também se formaria pelos fatos situacionais, como expectativa de papéis, os recursos e as demandas. Ele coloca como exemplo uma família que vai se modificando ao longo da sua trajetória, fica estável, mas alguns membros podem sair, outros entrar, fornecendo uma dinâmica própria ao grupo. E estes fatores pessoais e situacionais afetariam a saúde e o bem-estar dos membros da rede.

As relações familiares seriam aquelas mais estáveis do comboio, inclusive pela sua obrigatoriedade. Já a relação com os amigos e companheiros são aquelas que se estabelecem por livre escolha, mudando em decorrência de fatores variados, podendo ser transitórios e substituíveis. O comboio tem, portanto, a parcela estável e a parcela transitória, “onde as pessoas possuem níveis diferenciados de importância e proximidade psicológica, o que compõe uma realidade social diversificada” (ERBOLATO, 2002, p. 959-60)

---

<sup>13</sup> ANTONUCCI, T.C e AKIYAMA, H. Social Networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. *Journal of Gerontology*. 1987. 5 (vol 42): 519-527.

Uma questão complexa de se analisar é o tamanho das redes, pois as pesquisas apontam para dados opostos. Alguns estudos concluem que a rede tende a diminuir com o avanço da idade, e outros determinam o contrário. E tem aqueles que mostram que há pouca mudança nas relações sociais ao longo da vida, mesmo que o número de integrantes da rede possa diminuir com o envelhecimento, “o número de relações sociais próximas e a quantidade de suporte emocional, é relativamente estável ao longo da vida até uma idade muito avançada”.(ANTONUCCI, 2001, p.432)

As pessoas de mais idade, ou seja, entre 80 e 100 anos, tem normalmente menos relações próximas, até mesmo por que muitos conterrâneos já morreram. Mas aqueles que persistem são muito próximas e de longo tempo, não sendo facilmente substituídas. Mesmo com esta diminuição, algumas pesquisas sugerem que há um aumento relacionado ao fato de que com o aumento das crises, os membros da rede voltam a se aproximar, especialmente naquelas relações mais íntimas, tentando satisfazer as necessidades neste momento crítico. Portanto a resposta à questão da modificação do tamanho nas redes sociais não é simples, pois evidências sugerem que o tamanho permanece o mesmo até uma idade avançada. Entretanto a rede social parece aumentar de tamanho ao longo da existência. (ANTONUCCI, 2001).

Um outro fator interessante de ser conhecido das redes sociais é que existe uma diferença entre o suporte recebido e o suporte percebido. Ou seja, mesmo que a reciprocidade seja considerada uma norma nas relações sociais, ela nem sempre se dá de maneira equitativa. As relações não recíprocas trazem efeitos nocivos para os envolvidos, pois aquele que oferece mais do que recebe pode sentir-se incomodado e explorado, e o que recebe a mais pode sentir-se ameaçado, e nutrir sentimentos negativos para com o doador. Mesmo percebendo-se estas tendências, a evidência mais compartilhada nas pesquisas é de que as pessoas tendem a investir mais do que receber, formando-se assim uma espécie de “banco de suporte social”. Ou seja, uma espécie de poupança, um investimento a longo prazo, através do qual aquele que hoje fornece ficaria com um “haver”, podendo recorrer a esta poupança no futuro. Esta contabilidade informal pode ser muito útil no final da velhice, “quando não for mais possível manter um equilíbrio entre o dar e o receber”, e isto evitaria o sentimento de dívida, dependência ou assimetria nas relações. Os estudiosos atentam para o fato de que o investimento é feito num número reduzido de relacionamentos, principalmente os filhos, o que pode responder por que os idosos não aceitam ajuda de qualquer pessoa.

(ANTONUCCI e AKIYAMA, 1987; ANTONUCCI e JACKSON, 1989, apud ERBOLATO, 2002, p. 960). Essa interpretação pode auxiliar a entender também, por que os idosos enfrentam as dificuldades relacionadas à idade sem se sentirem endividados. (ANTONUCCI, 2001)

Segundo Sluzki (1998) a variável rede social se mostrou, portanto, com uma poderosa capacidade preditiva de sobrevivência, e na velhice percebeu-se que ela apresenta três fatores que afetam sua evolução: a rede se contrai, reduzindo o número de vínculos; as oportunidades para renovar as redes e a motivação para tal diminuem e diminui a energia necessária para manter os vínculos. Em suas pesquisas Sluzki indicou, também, que a manutenção dos vínculos com pessoas da mesma geração auxilia o idoso a manter ligação com a sua história pessoal e que parte da experiência de depressão, que parece instalar-se em muitos velhos, emana da solidão e da conseguinte perda de papéis, recordações, funções e, em última instância, de identidade que acompanha a extinção progressiva da rede. (Sluzki, 1998)

Em função do que se mostrou até aqui as redes sociais na velhice, pelo seu potencial de mudança, capacitação do sujeito e predição de bem estar, são uma possibilidade do sujeito ressignificar o tempo da aposentadoria, reelaborando projetos e lançando-se à diante. Faz-se necessário, portanto, uma análise mais aprofundada de como se constituem as redes sociais dos idosos, pois, segundo estudos apontados por Erbolato (2002), os idosos recorrem primeiro ao suporte informal (ou seja, parentes, amigos, vizinhos e conhecidos), e depois ao sistema institucional formal para a resolução de problemas. E para tal, este estudo procurará conhecer o que acontece nas redes sociais do idoso, baseando-se na aposentadoria, pressupondo que ocorre uma modificação pelo afastamento do mundo do trabalho e de toda a questão identitária a ele relacionado.

### 3 METODOLOGIA

No quadro histórico das ciências tínhamos, segundo Strey (2002), uma ciência tradicional que visava à neutralidade, a objetividade, a experimentação e a generalização. A sociedade era obcecada pelo conhecimento e este foi sendo produzido baseado na compreensão de um universo que poderia ser matematizado. Neste cenário o método adquiriu lugar de destaque, sendo responsável por retirar do sujeito aquilo que o torna suspeito, livrando-o de qualquer risco de ilusão, neutralizando portanto, a possibilidade de erro. E desse modo, objetivava-se construir uma subjetividade purificada, elevada ao exercício da razão, fiador de todas as certezas (FIGUEIREDO, 1996).

Instala-se, a partir da metade do século XIX, uma nova epistemologia que põe em questão o ideal dominante de um sujeito autônomo e unificado; aqui entram em cena os novos saberes psico-sociológicos. É a falência do sujeito da modernidade com suas pretensões de autonomia, reflexividade e auto-centramento. O século XX instaura a dúvida, e a ciência passa a buscar o conhecimento e não a verdade, entendendo que o dado é resultado teórico e empírico, pois escolhemos o que procurar. Pesquisar passa a ser uma produção ideológica. É neste cenário que a psicologia se insere, diante de questões metodológicas que marcam a implicação do pesquisador. (FIGUEIREDO, 1996)

Hoje as ciências sociais, e dentre elas a psicologia social, se estabelecem nas bases da complexidade do objeto, decorrendo daí que: não existe apenas uma verdade a respeito deste. Entende também que o pesquisador não é neutro, mas sim que ele interage e transforma a realidade. Este pesquisador utiliza-se da pluralidade teórico-metodológica fazendo interlocuções com outras áreas da ciência e propondo-se a reflexão constante, ou seja, fazendo a autocrítica. Pretende-se, portanto, não a formulação de leis, mas sim analisar profundamente um construto, mostrando sua multiplicidade, salientando divergências e conflitos (STREY, 2002).

O objeto das ciências sociais, ou seja, a sociedade está sempre se transformando, em virtude do seu caráter histórico. Ou seja, existe “num determinado espaço, num determinado tempo” onde “tudo, instituições, leis, visões de mundo são provisórios,

passageiros”. Portanto, a pesquisa é uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca cessa. (MINAYO, 2004, p.20).

A psicologia social pressupõe o homem como produtor e produto da história, portanto o pesquisador é também um produto histórico. Decorre daí que não existe a produção de um conhecimento neutro, pois aquilo que o pesquisador conhece vai interferir na sua existência e conseqüente práxis. (TITTONI e JACQUES, 1998).

Segundo Tittoni e Jacques (1998) o método seria o caminho para se chegar a resposta das questões de pesquisa, e ele existe como um instrumento. Para escolher o método a ser usado numa determinada pesquisa é necessário ter idéia do problema que se quer estudar. O problema é considerado como ponto de partida e não de chegada, sendo “passível de ser reformulado, recolocado, substituído durante a pesquisa” (p. 79). Usam-se normalmente as questões norteadoras, pois são mais flexíveis e abrangentes. Já a amostragem vai ser definida em função daquilo que se quer estudar.

Nesta pesquisa será utilizada a Análise Temática de Conteúdo como metodologia para estudar a questão de pesquisa, que não visa determinar verdades a respeito do enfoque da pesquisa, mas sim, no seu término, alcançar um produto provisório que reinicia nas indagações lançadas pela análise final. (MINAYO, 2004). Pretende-se identificar o fenômeno na sua multiplicidade analisando profundamente os aspectos da vida do aposentado relativos as suas redes sociais.

Para estudar esta questão propomos o uso da pesquisa qualitativa segundo a Psicologia social contemporânea, que rejeita a existência de uma verdade, A análise de conteúdo parte de uma literatura inicial para atingir um nível mais profundo que ultrapasse os significados manifestos. (MINAYO, 2004) E pode ser definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p.38).

### **3.1 Participantes**

O acesso aos sujeitos deste estudo foi feito via Associação Gaúcha dos Aposentados dos Correios e Telégrafos. Foi realizada uma visita explicando os objetivos da pesquisa, e a Diretoria solicitou uma cópia do projeto para análise e para

levar à reunião semanal para ver se era aceita. Depois de aceita a proposta, solicitou-se à associação uma listagem com nomes e telefones de homens que se encaixassem nos critérios escolhidos para participação na pesquisa. Estes critérios foram: homem, com mais de 65 anos, aposentado há mais de 5, que não tivesse se aposentado por problema de saúde e que não estivessem trabalhando. A associação, segundo os critérios solicitados, criou uma lista com 32 nomes. Foi feito contato telefônico com cada um dos associados explicando os objetivos da pesquisa e indagando da disposição de colaborar como estudo. Como apenas 6 se dispuseram a participar, foi feito novo contato com a AGACOR, e pediu-se a ampliação da lista. Nesta segunda lista, composta por 49 nomes, repetiu-se o procedimento, e desse modo conseguiu-se o número de 10 (dez) participantes. Com aqueles que demonstraram interesse em colaborar foi marcada uma entrevista individual, sendo que algumas foram realizadas no Instituto de Psicologia da UFRGS, uma na própria AGACOR, mas a maioria foi feita na residência dos participantes. Neste contato com os idosos que aceitaram participar da pesquisa, quando foram feitas as perguntas de ordem sócio-demográficas descobriu-se que 3 deles se aposentaram definitivamente há menos de 5 anos, e que 1 ainda mantinha uma atividade que considerava como trabalho (mesmo que estivesse aposentado do Correio). Isto aconteceu por que os participantes continuavam trabalhando, mesmo estando aposentados no Correio. Em novo contato com a AGACOR, foi nos dito que estes eram os associados que atendiam os critérios colocados inicialmente para a pesquisa, e que não teriam mais nomes para acrescentar. Em função desta situação os dados foram coletados com 10 homens aposentados com idades entre 66 e 79, com média de idade de 71,6 anos, casados (com exceção de um), e todos com filhos. Todos estavam aposentados há mais de 2 anos, e tinham uma média de 12,4 anos de aposentadoria.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sido aprovada sob protocolo nº 2005.516.

### **3.2 Instrumentos para Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semi-estruturada que incluía o “Mapa dos cinco campos” (Anexo I). A entrevista semi-estruturada foi proposta como um modo de tocar nas questões norteadoras da pesquisa, mas mantendo

a possibilidade de que novos assuntos fossem abordados. Ela foi baseada nos seguintes blocos temáticos:

- Dados de identificação e sócio-demográficos.
- História resumida da vida de trabalhador.
- Redes sociais antes da aposentadoria. (utilizando o mapa)
- Redes sociais na aposentadoria. (utilizando o mapa)

Antes de iniciar as entrevistas foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e explicada a necessidade de assinatura do mesmo. As entrevistas foram gravadas e a montagem dos mapas do participante foi realizada no decorrer da entrevista em duas situações: a primeira considerando as redes sociais do sujeito enquanto trabalhador, antes de sua aposentadoria, e a segunda considerando o momento atual. As entrevistas foram gravadas para posterior transcrição.

O “Mapa dos Cinco Campos” serviu como estímulo e facilitação na coleta dos dados sobre as redes sociais e foi baseado no mapa de Samuelsson, Thernlund & Ringström (1996). Este mapa foi um aperfeiçoamento de outros semelhantes, tendo o benefício de apresentar um quinto vínculo (ou quadrante) que seria uma subdivisão do grupo familiar em família (nuclear) e parentes. Ele era inicialmente utilizado com crianças em situação de risco, objetivando conhecer e ativar a rede de apoio infantil. Avalia-se que esta transposição para o trabalho com idosos foi válida, pois ajudou na visualização clara das modificações que ocorreram nas redes sociais dos idosos. E, para novas pesquisas, talvez seja útil incluir uma nova divisão, separando-se os amigos dos vizinhos, pois são, geralmente, relações bastante diferenciadas. Nesta pesquisa o participante identificou as pessoas que faziam parte de sua rede social, bem como os grupos da qual ela faz parte (família, parentes, amigos, trabalho e outros contatos.). O mapa foi composto de cinco círculos concêntricos onde o do meio representaria o próprio sujeito; o segundo e terceiro círculos seriam as relações mais próximas, o quarto se refere às relações intermediárias e o quinto e o sexto às relações mais distantes. Este mapa foi confeccionado conforme orientação dos autores, num quadro de 60X80cm, no qual o aposentado foi colocando figuras representando adultos e crianças de ambos o sexo, sendo que no círculo central será colocada a figura representando o idoso. Foram

anotados na entrevista quem eram as pessoas que faziam parte de cada quadrante e sempre que possível a frequência com que se viam e as atividades que realizavam.



### 3.3 Análise do material

Esta fase foi realizada sob duas perspectivas: a entrevista e o mapa dos cinco campos. Onde o delineamento utilizado para análise das entrevistas foi a Análise de Conteúdo. Para por Godoy (1995) neste método o pesquisador vai procurar compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás das mensagens em questão. A utilização da análise de conteúdo passa por três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Para Minayo (2004) na pré-análise o pesquisador determina os documentos a serem analisados, retoma as hipóteses e objetivos da pesquisa, reconsiderando-as junto ao material coletado e elabora indicadores que orientem a interpretação final. Para realizar esta fase o pesquisador faz a leitura flutuante do material e o organiza tentando responder as hipóteses e objetivos. Nesta fase o pesquisador realiza suas primeiras inferências, buscando determinar a relação entre as entrevistas e os objetivos da pesquisa.

Na segunda fase o pesquisador explora o material objetivando codificá-lo. Segundo Bardin (1977) esta fase corresponde a transformar os dados, recortando,



agregando e enumerando o texto, com o objetivo de esclarecer sobre características que podem servir de índice.

Esta segunda fase é composta geralmente pela análise temática tradicional trabalhando-se com unidades de registro (palavra, expressão ou frase) que vão ser depois quantificadas e classificadas, sendo agregadas segundo categorias teóricas ou empíricas. (MINAYO, 2004). As categorias estão baseadas nos blocos teóricos da pesquisa.

Na terceira fase é realizado o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. A partir do quadro teórico o pesquisador realizará inferências e interpretações, ou vislumbrará novas pistas surgidas em cima da leitura do material. Nesta fase realiza-se a análise temática<sup>14</sup> que consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. (MINAYO, 2004, p.209).

As entrevistas foram transcritas, e para tal usou-se o aparelho “transcriber”. Além disso, utilizou-se como suporte o software *Qualitative Solutions Research Nvivo 2.0 (Q.S.R. Nvivo 2.0)* que objetiva facilitar a construção e determinação de categorias nas entrevistas já transcritas. O programa auxilia na montagem da estrutura hierárquica de codificações temáticas, facilitando o trânsito nos textos produzidos e suas categorizações à partir das entrevistas transcritas.

A partir daqui serão apresentadas as constatações feitas com relação às redes sociais pesquisadas, ou seja, a relação do idoso aposentado com a família, os parentes, os amigos e vizinhos, os colegas de trabalho e outros contatos. Para tanto foi analisada a vinculação do aposentado em cada um dos quadrantes do mapa dos cinco campos, antes e depois da aposentadoria.

---

<sup>14</sup> O tema é segundo Bardin (1977): é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. (p.105)

#### 4 AS TRANSFORMAÇÕES DAS REDES SOCIAIS COM A APOSENTADORIA

Neste capítulo serão destacados os resultados obtidos, fazendo-se uma análise baseada no corpo teórico. Para tanto se resgatou em alguns momentos os depoimentos dos idosos que forem significativos para a compreensão dos dados analisados. Far-se-á uma pequena introdução montando-se um panorama geral da questão do trabalho, do envelhecimento e da aposentadoria, e após serão apresentados os resultados em 5 blocos principais, definidos como os grupos que compõem as redes sociais dos aposentados.

O panorama do envelhecimento é reconhecido principalmente pelo declínio físico e pelo isolamento social. Com a aposentadoria e o concomitante envelhecimento as modificações físicas aparecem, e em função disso, alguns idosos acabam assumindo alguns comportamentos adaptativos. Uma das imposições que normalmente se colocam ao idoso é a adaptação às limitações físicas decorrentes da fragilização da saúde. E em decorrência desta, como colocou o senhor Samuel<sup>15</sup>, os idosos adotam comportamentos objetivando se proteger de situações perigosas, como, por exemplo, não sair mais à tarde, pois acredita que é um alvo mais fácil para atitudes violentas que o restante da população. Além disto, ele também tem certos cuidados de saúde (como fazer caminhadas leves, e visitar o médico com frequência), pois teve um infarto. Ele acredita que a falta de saúde exigiu mais modificações na vida dele do que propriamente a aposentadoria.

Com relação ao envelhecimento psicológico, associa-se mais frequentemente ao que colocou Sanchez Salgado (1999) com relação a esta tendência a se isolar socialmente, como sendo algo que faz parte do processo de envelhecimento, onde o idoso, em função da redução dos papéis, diminuiria também a atividade social. O envelhecimento provoca modificações na área social também, levando o idoso a modificar suas relações sociais com familiares, parentes, amigos etc. O senhor Samuel acredita que, além das dificuldades físicas, o velho também tem uma dificuldade maior que os jovens de fazer amigos. Para ele a atitude de procurar os outros para conversar e interagir diminuiu, e as pessoas se fecham, se enclausuram, faltando até mesmo assunto. Ele percebe que os velhos pouco saem de casa e quando se encontram é de forma muito rápida. Além dessa dificuldade de manter o contato, encontrar-se com outro velho

---

<sup>15</sup> Os participantes deste estudo tiveram seus nomes alterados a fim de preservar o sigilo e o anonimato.

também pode ser difícil pelo pessimismo, pelas queixas, ou pelo fato do idoso ficar sabendo que algum conhecido morreu. Em função destas características o contato com outros idosos pode ser evitado, como objetivo de não piorar o ânimo e a disposição geral.

Outro agravante das dificuldades do idoso, percebida pelo senhor Samuel, é o movimento da sociedade que trata o velho de modo diferente do restante da população, mal-tratando-o e desconsiderado-o, legitimando o papel do idoso de modo negativo. Esta dificuldade de se reconhecer de maneira positiva pela via do social pode estar relacionada ao que apontou Fericgla (1992) quanto ao fato de que a aposentadoria não ser um rito de passagem como os outros em nossa sociedade. Segundo Fericgla um rito de passagem para ser tido como tal precisaria cumprir com 3 etapas que são: separação (separando o sujeito do seu antigo estado), a liminaridade (correspondente ao estado marginal a uma certa estrutura social) e a reagregação a um novo estado. Para ele a aposentadoria não cumpriria com a totalidade do rito, pois não há a terceira etapa de reagregação à estrutura social, não constituindo um novo estado socialmente valorizado. Não há, portanto, uma expectativa de reinserção social. Para o idoso aposentado é oferecido um “limbo” social. Além disso, o idoso que se aposenta perde o papel de profissional, sendo colocado num patamar de menor reconhecimento social. Nesta fase o idoso precisa se adaptar ao “espaço” social que lhe é designado, mas também lutar para criar possibilidades de completar as mudanças necessárias para a manutenção da qualidade de vida, fortalecendo laços com os sobreviventes de sua rede, estabelecendo novos papéis sociais (avô, bisavô, etc). Enfim, o idoso precisa aprender a desempenhar suas novas funções e a expandir outras.

O trabalho é uma atividade muito valorizada socialmente, fazendo com isso que o papel de trabalhador se torne uma referência na constituição do sujeito. O trabalho, além disso, como salientou Fericgla (1992), é um modo de integrar o sujeito a um determinado grupo social, impondo um padrão de conduta que direciona e dá sustentação à vida do sujeito. Os participantes da pesquisa encaram o trabalho mais pelos seus aspectos positivos. Sendo que ele é percebido como algo que desenvolve a pessoa, favorecendo o amadurecimento, através da aprendizagem de coisas novas. O senhor Pedro, por exemplo, justifica que o “serviço não mata ninguém”, e quanto mais atividade o sujeito tem, mais ele evolui. Revelando desse modo, que mesmo que o serviço tivesse suas dificuldades, possibilita também a transformação do sujeito. O

trabalho proporciona “uma outra vida”, onde o tempo passa mais rápido (Evandro) resultando também num ganho para a saúde.

A dedicação ao trabalho, mesmo que tirasse tempo do trabalhador desenvolver outras atividades, era justificada pelo apreço que os participantes da pesquisa tinham pela atividade e pela instituição, ou seja, o correio. A autonomia que tinham também era uma justificativa para a percepção positiva do trabalho, principalmente relacionada àqueles participantes que exerciam cargos hierarquicamente mais elevados, como colocou o senhor Roberto: “noventa e nove por cento do meu tempo de serviço eu tinha a autonomia, tinha a autoridade pra fazer as coisas acontecer”. Esta colocação revela que autonomia é de suma importância para o trabalhador, sendo uma possibilidade de expressão do sujeito, mas ao mesmo tempo revela seu lado negativo. A maioria dos participantes, ao serem indagados sobre a interferência do trabalho fora dele, revelaram que ele não interferia. Esta percepção se dava mesmo que sentiam que o trabalho afetava a qualidade do sono, que perdessem o horário de almoço trabalhando, que fizessem hora extra sem ser obrigados, que tivessem menos tempo para a família e para os amigos. Eles justificavam esta dedicação pelo fato de gostar do que faziam e por que era uma questão de dever, ou seja, eles, enquanto pais de família tinham a obrigação de trabalhar e manter financeiramente a sua família. Mas contrariamente a visão de que o trabalho de algum modo interferia, alguns participantes da pesquisa tinham noção de que o trabalho tomava muito mais tempo do que as 8 (oito) horas previstas de trabalho diário. Muitos deles relataram que tinham que viajar para supervisionar outras agências, para averiguar problemas ou para ministrar cursos. O próprio cargo de chefia acarretava que eles morassem em cidades diferentes devido às transferências frequentes. Este ritmo de trabalho afastava os trabalhadores da sua família e sobrecarregava as esposas, que, muitas vezes, tinham que tomar conta da casa e dos filhos sozinhas. Mesmo aqueles que não precisavam viajar constantemente, mas trabalhavam muitas horas por dia percebiam que o trabalho provocava desgaste físico e que tinham menos tempo que gostariam para se dedicar à família e aos amigos. Para o senhor Pedro, por exemplo, a falta de tempo enquanto era trabalhador não incomodava, e mesmo que, às vezes, não tivesse tempo para almoçar, ele se vangloriava como se o ato de trabalhar fosse uma atitude a ser valorizada independente da relação custo/benefício. Seu Sandro, por exemplo, relatou que sentia falta do aconchego dos parentes (pais, irmãos, etc), mas todas estas situações eram entendidas como fazendo parte da profissão, e, além disso, ele não via outra

possibilidade de trabalho. Mesmo com todas estas dificuldades, um fator que gerava um certo conforto é o ganho financeiro que tinham através da profissão, principalmente aqueles que tinham cargo de chefia. Restava ao trabalhador administrar a falta de tempo.

Essa configuração onde o trabalho se apropria da vida do sujeito, internalizando-se como referência primeira, acarreta dificuldades no momento em que o trabalhador se aposenta. Alguns participantes perceberam uma dificuldade de administrar as horas que sobravam, depois de ter trabalhado uma vida inteira. Ao aposentar-se o sujeito é solicitado a fazer inúmeras adaptações, já que o trabalho ocupava muito do seu dia (não só em números de horas trabalhadas, mas também na energia e dedicação direcionada a ele). Alguns participantes afirmaram que ficar parado pode ser difícil para eles, procurando compensar a falta de atividades fixas que tinham com o trabalho, por outras. Hoje em dia o senhor Pedro, por exemplo, está sempre arrumando algo para fazer e tem dificuldade de ficar sem nada para arrumar ou produzir. Mas esta tentativa nem sempre dá certo, visto que alguns colocam atividades no seu dia a dia, mas que não tem o mesmo significado para eles. Isto acaba mudando também a visão que o sujeito tem de si, como no caso do senhor Samuel, por exemplo, que se reconhece hoje como um vagabundo de carteirinha, pois agora ele não faz nada. Mesmo que o seu dia-a-dia seja cheio de atividades variadas e em grupos diferentes, ele não as considera como atividades válidas ou valorizadas como era o trabalho. Mesmo que a qualidade das atividades não seja a esperada, interação e as trocas decorrentes destas atividades normalmente são consideradas satisfatórias.

A valorização das atividades que eles adotam depois da aposentadoria também é dificultada por que a sociedade não as reconhece e valoriza. Mesmo que alguns participantes se esforcem por encontrar alguma atividade que seja interessante para eles, ao relatá-las, parecem envergonhar-se, pois acreditam que não estão contribuindo para a sociedade da mesma maneira que antes, enquanto trabalhadores. Uma saída para estes aposentados que parecem sentir-se “inúteis” seria, como colocou Sanchez, a possibilidade deles encontrarem utilidade para as aprendizagens que tiveram.

Mas a aposentadoria não trouxe apenas sentimentos negativos, para alguns participantes ela representou a possibilidade de ter mais tempo para fazer atividades em casa, sem o compromisso de horário e as cobranças relacionadas à repartição que trabalhavam. Com esta liberação do horário os aposentados podem fazer as coisas que

sempre gostaram, mas não tinham tempo para fazer como, por exemplo, no caso do senhor Pedro que encarava o trabalho como uma religião, e em virtude de aposentadoria, sentiu-se mais liberado para escolher o que fazer do seu tempo, e escolheu cuidar do seu sítio (Pedro), já para o senhor Sandro a aposentadoria proporcionou uma vida mais calma e com menos pressão, o senhor Joel pôde dedicar mais tempo a uma das atividades preferidas que é a leitura, e outros tantos participantes perceberam que hoje tem mais tempo para encontrar os amigos e os familiares.

Os idosos participantes desta pesquisa associam também a aposentadoria ao adoecimento psíquico e físico, ao isolamento social, ao medo da saudade do trabalho e das pessoas, a estagnação e a falta de atividades, ou seja, componentes de conotação negativa. Notou-se que aqueles que fizeram uma associação negativa com a aposentadoria normalmente tiveram algum acontecimento negativo ocorrendo concomitantemente, como por exemplo, o senhor Samuel teve um infarto agudo do miocárdio logo após se aposentar, o que faz com que ele relacionasse a aposentadoria com doença. Já o senhor Nilton perdeu a mãe e operou a próstata no mesmo ano da aposentadoria, ele entende que a aposentadoria causou o isolamento social, pois hoje tem menos contatos com as pessoas que gostava. Além disso, ele reconhece as dificuldades físicas, pois ele gostaria de cuidar da casa e do pátio e não consegue. O senhor Roberto entrou em depressão logo após se aposentar, e provavelmente em decorrência dela. Ele acredita que poderia trabalhar até ficar mais velho, mas ao mesmo tempo entende que os velhos tiram o lugar dos mais novos trabalharem. Ele acha positivo poder ficar em casa com a esposa, mas isso não impediria de voltar a trabalhar.

O isolamento das discussões do mundo do trabalho é outra preocupação que os idosos tem com a aposentadoria, como colocou o senhor Cosme. Ele sugeriu a criação de grupos de convivência (separados por profissão) com o objetivo de poder continuar conversando sobre as questões específicas da profissão, como um meio de se tentar resolver este isolamento. Para ele deveriam existir clubes separados por profissão, pois seria ótimo poder conversar novamente sobre o trabalho. Ele acredita que as outras pessoas, que não fossem da mesma atividade profissional, não iriam entender a conversa. Ele tinha “muito assunto” do trabalho com os colegas, tinha um reconhecimento do grupo pelo conhecimento acumulado ao longo de muitos anos de trabalho e acha difícil falar de outras coisas que não sejam o próprio trabalho. Estes

grupos de discussão e convivência poderiam trazer de volta o reconhecimento pelo qual o trabalhador tanto lutou ao longo da sua carreira.

Para o senhor Samuel a aposentadoria trouxe uma certa nostalgia. Ele cita que às vezes vai ao centro e não encontra um amigo para tomar um cafezinho e conversar. Ele diz que muitos não saem de casa, outros já morreram, ou desistiram de esperar e foram embora para casa. Mesmo relacionando a nostalgia aos amigos e ex-colegas, ele esclarece que a nostalgia é de “não ter mais atividade”, que gostaria de ter, ele tem saudade do serviço por que gostava e entendia do que fazia, e da convivência. Em função da aposentadoria ele gostaria de ter mais atividades, pois percebeu que quando ele estava trabalhando o círculo de amizade era grande e que quando se aposentou diminuiu, e que em função do envelhecimento diminuiu mais ainda.

O caso do senhor Henrique ilustra bem a crença que boa parte dos participantes da pesquisa tem a respeito da aposentadoria. Ele é único participante que ainda tem algum tipo de atividade de trabalho (ele é profissional liberal e vai toda a manhã para o escritório). Ele não considera um trabalho o que faz no escritório, mas acredita que não conseguiria ficar parado em casa porque é muito inquieto. Além disso, ele tem medo de ficar na poltrona vendo televisão, pois para ele a vida sedentária é prejudicial em todos os sentidos. Na sua visão a pessoa sem atividade perde o rumo, perde a referência, perde o “élan”, perde tudo, fica sem saber o que fazer.

O fato de ele ter trabalhado durante uma vida inteira criou condicionamentos fazendo com o que trabalho se incorporasse a sua vida, tornando-se uma atividade necessária, mas ao mesmo tempo cheia de obrigações e imposições. A grande autonomia que hoje ele desfruta nas suas atividades também contribui significativamente para que ele a mantenha esta rotina, que além de não ser estafante, lhe facilita estar próximo dos amigos com quem almoça diariamente. Tornando-se quase que um ardil para manter um contato diário com os amigos que antes se mantinha afastado pelo trabalho no Correio.

Outra crença que também apareceu relacionada a aposentadoria é apontada pelo senhor Joel que acredita aquela pessoa que só trabalha, que não desenvolve outras atividades significativas além do trabalho tem mais facilidade de entrar em depressão ao se aposentar. Esta idéia está relacionada com a supervalorização do papel de trabalhador em nossa sociedade, bem como com o modo através do qual o trabalho vai se naturalizando, sendo internalizado como constituinte principal da identidade e, por

consequente, da vida do sujeito, pois, como já foi apontado anteriormente o trabalho toma conta da vida do sujeito como um todo, não só do período de atividade laboral propriamente dita, mas determinando modos de ser, pensar e agir.

O senhor Joel na realidade salientou a importância que outras atividades além do trabalho podem ter na vida da pessoa que se aposenta, o que está estreitamente relacionado ao fato apontado por outros participantes também que é a relevância das redes sociais. Enquanto trabalhadores, as redes sociais servem de apoio e referência principalmente nos momentos de dificuldades familiares. O fato de não terem a quem se reportar, dificultava a vida daqueles trabalhadores que não tinham seus familiares por perto. Uma saída encontrada por eles era a de intensificar os laços com os colegas de trabalho e com os amigos e vizinhos. Como colocou o senhor Evandro, as redes sociais são percebidas de modo positivo, uma vez que proporcionam prazer ao sujeito, servindo de apoio, pois no grupo social os participantes olham uns para os outros, se importam uns com os outros, melhorando o astral daquele que faz parte do grupo.

Uma outra percepção que os participantes tem das redes é de que esta valorização positiva se deve a uma necessidade “inata” do ser humano. Como colocou o senhor Henrique que entende que o homem é um ser social e precisa, portanto, viver em interação com os outros. O ser humano se envolve com o que está ao seu redor, e além do apoio advindo das trocas, a participação no grupo também ajuda abrir horizontes, a trocar idéias, auxiliando no processo de evolução das pessoas. Desse modo, o fato do idoso participar de vários grupos sociais, ou seja, manter uma rede social variada, proporciona saúde e apoio emocional, constituindo-se num incentivo. Além desse aspecto positivo para o idoso, a participação do idoso nos grupos também auxilia a família aliviando o estresse que possa representar o retorno desse idoso para a família nuclear.

Como pode se notar, o trabalho tem importância indiscutível na vida destes idosos, tornando-se uma referência básica para os momentos que vão além da ligação com este. Mas alguns idosos conseguem se dar conta da importância das redes sociais a que eles estavam vinculados, para além do trabalho. Como colocado anteriormente, a partir daqui, com o objetivo de facilitar a descrição, será feita uma análise pontual dos cinco quadrantes do mapa dos cinco campos dos idosos participantes da pesquisa.



## 4.1 Família

A família, segundo Erbolato (2002), caracteriza-se por laços fortes biológicos e legais, sendo que a valorização cultural do parentesco assegura a sua continuidade através do tempo. Os vínculos entre os familiares são permanentes, sendo desempenhados por pessoas específicas, diferentemente dos outros, onde pode haver a troca ou substituição. Desse modo, os papéis familiares são constantes e obedecem a uma hierarquia interna. As trocas de suporte instrumental e psicológico são possíveis nestas relações por que existe uma constância dos membros, um senso de obrigação e uma afeição esperada entre os membros. Mas as trocas de apoio no grupo familiar necessariamente não são equitativas, neste grupo é natural que seus membros criem uma expectativa de receber suporte obrigatoriamente, mesmo que o retorno não seja imediato. Isto ocorre, por exemplo, no caso dos pais que, após muitos anos fornecendo cuidado a seus filhos, esperam receber um retorno na velhice. Este tipo de condicionamento, não existe no campo da amizade, por exemplo. Os papéis familiares são, desse modo, aqueles que tem maior possibilidade de continuidade ao longo da vida, sendo considerados como fonte de suporte social, onde há a troca de afeição e o conseqüente bem estar subjetivo. (ERBOLATO, 2002).

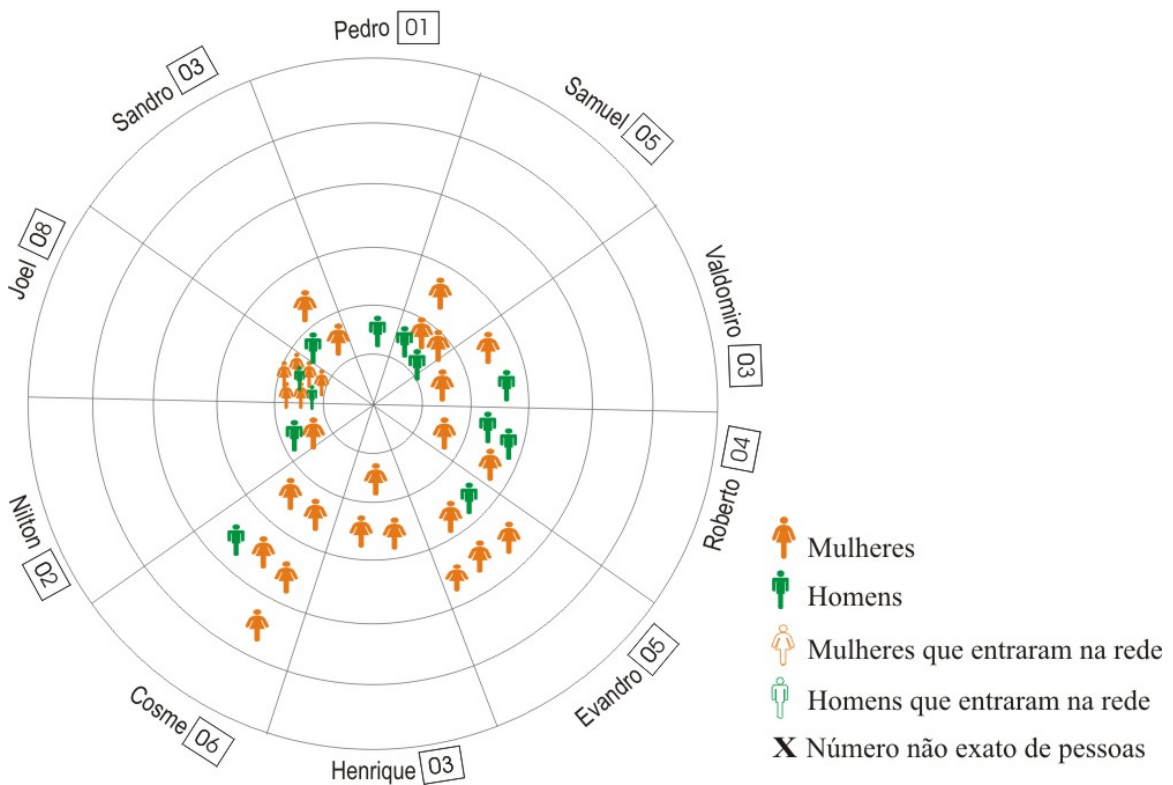
O suporte fornecido pela família é tão importante que os profissionais que precisam se transferir freqüentemente tem dificuldade em criar raízes. Com as transferências e freqüentes rompimentos, as amizades não conseguem se fortalecer, o que não ocorreria se estas fossem mais estáveis. Portanto, a estabilidade é fator primordial para o fortalecimento dos laços. (MOTTA, 1993) Segundo Antonucci (2001, p.438) esta estabilidade, de certa forma, justifica por que os cônjuges são os provedores preferidos, pois estes acompanham o idoso por grande parte de sua vida. E seguindo a mesma lógica, na falta deste, os filhos são os escolhidos para fornecer suporte emocional e instrumental. Mas as relações entre pais idosos e filhos podem ser ambivalentes, sendo fonte de suporte e conflitos. Espera-se que o filho cuide de seus pais quando este precisarem, mas a relação atual pode vir “acompanhada de hostilidade, ressentimento e ambivalência”.

Esta ambivalência pode ser influenciada também por uma característica levantada por Motta (1993), segundo a qual, na fase do envelhecimento, o sujeito se volta para o passado, fazendo com que as coisas ligadas ao futuro não despertem o interesse do idoso e gerando resistência à mudança. Em função disto, o futuro que

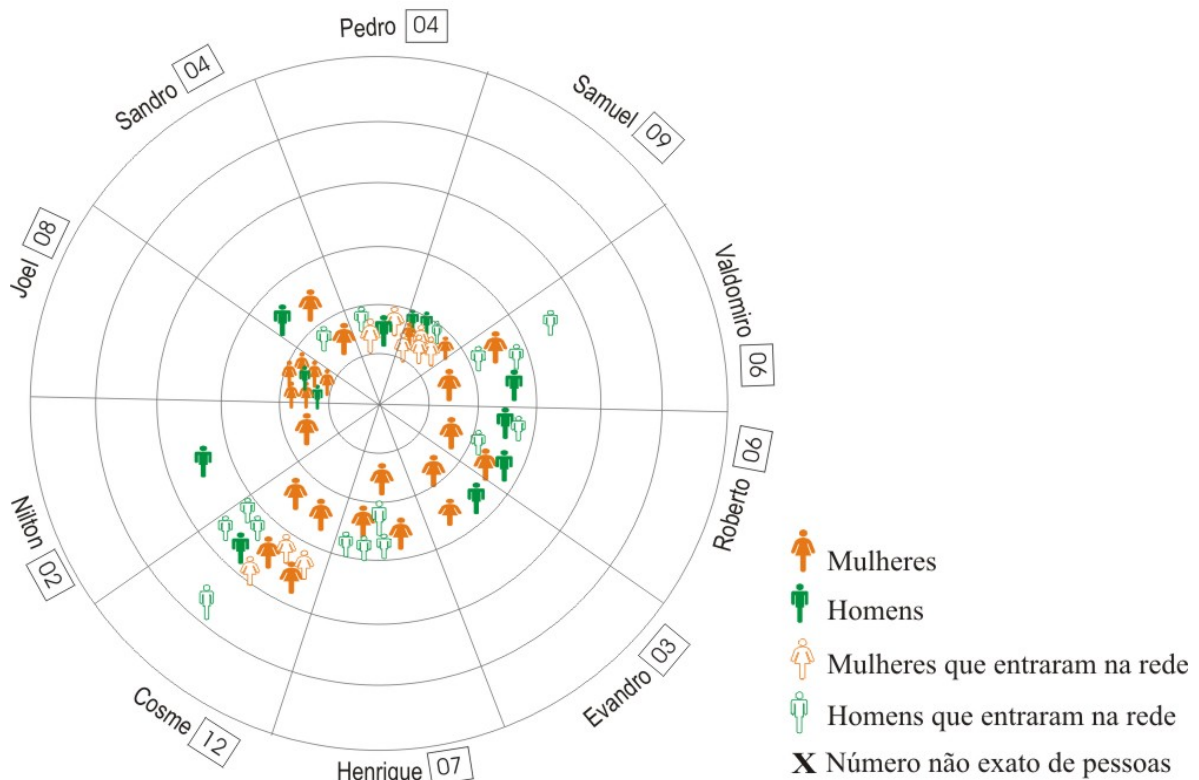
desperta algum interesse, normalmente, é o dos filhos e netos. Motta sugere que de alguma forma o idoso acaba vivendo através dos outros, o que pode sobrecarregar os filhos e netos e dificultar as trocas.

A aposentadoria do marido, e o conseqüente afastamento do trabalho provocam mudanças nas relações familiares, onde o homem passa da esfera do trabalho (que era referência de identidade, prestígio e amizades) para a esfera do mundo matrimonial e familiar. Segundo Fericgla (1992) a família é o principal, e talvez o único, grupo social de quem o aposentado vai depender a partir do momento em que ele deixa o trabalho. E em decorrência disto, o grupo familiar acaba adquirindo importância maior que durante a época laboral. Com a reinserção deste membro, este grupo precisa realizar as modificações necessárias para manter o equilíbrio na dinâmica grupal, o que não impede que este movimento seja conflitivo.

MAPA DOS CINCO CAMPOS DE TRABALHADOR - FAMÍLIA



## MAPA DOS CINCO CAMPOS DE APOSENTADO - FAMÍLIA



Através da análise comparativa do mapa dos cinco campos dos participantes da pesquisa de antes e depois da aposentadoria evidenciou-se que a rede social familiar sofre uma modificação significativa. Antes da aposentadoria, a maioria dos participantes morava com a esposa e tinham seus filhos casados e morando fora de casa. A esposa e os filhos eram as pessoas mais próximas dos participantes, sendo que estes são colocados próximos ao trabalhador no mapa, enquanto solteiros, mas após o casamento são situados mais distantes. Já a posição da esposa permanece inalterada.

A falta de tempo provocada pelo trabalho e a distância são fatores que interferiam significativamente na relação com a família. Em função disto o contato com os filhos era normalmente nas refeições e nos fins de semana, onde as saídas para visitar os parentes também eram bastante comuns, principalmente quando os filhos eram pequenos. Aqueles que não podiam ver os filhos tinham contato por telefone semanalmente. E como exceção, aqueles cujos filhos moravam perto se viam com uma frequência bem maior, quase que diariamente. A entrada de novos membros na família, ou seja, genros, noras e principalmente os netos levam a uma maior convivência e aproximação dos filhos com os idosos, além do fato deles se tornarem os patriarcas de famílias extensas, condição diferente de quando os filhos ainda moravam em casa.

Com a aposentadoria algumas modificações se deram no contato com a família. A esposa permanece na mesma posição, e invariavelmente é colocada no primeiro círculo, ou seja, o mais próximo. Já a relação com os filhos se aproxima, principalmente em função do aposentado ter mais tempo disponível e da inclusão dos netos. O senhor Cosme acredita que o fato dos filhos morarem mais perto também facilita o contato, pois assim estes vão à casa dos pais mais seguidamente. E aqueles que não moram próximos, mesmo morando na mesma cidade, tem contato por telefone mais freqüente, quase que diário, como colocou o senhor Samuel. A grande maioria vê os filhos e netos nos finais de semana, no almoço do domingo, que normalmente é na casa deles (pais/avós). Este movimento parece ser uma repetição do que viveram os idosos participantes da pesquisa quando eram mais novos (vide parentes).

As famílias não são formadas exclusivamente por parentes de sangue. Dois participantes relataram o que se pode chamar de uma característica “agregadora”, ou seja, uma tendência a acolher as pessoas que estavam à sua volta, com o objetivo de auxiliar. O senhor Valdomiro, por exemplo, relata que ele e a sua esposa auxiliaram uma vizinha adolescente desde que ela veio morar em Porto Alegre, e além dela, hoje eles criam de um adolescente, filho de uma ex-funcionária. Ambos são considerados hoje como membros da família. Já o senhor Evandro auxiliou a criar os filhos dos vizinhos (oferecendo a sua casa e os cuidados da esposa durante o dia). É interessante percebermos que estes mesmos senhores foram os que tiveram uma facilidade maior de fazer novos vínculos fora das “instituições” depois da aposentadoria, diferentemente dos outros que normalmente faziam amigos através de instituições como, por exemplo, as associações de bairro, associações desportivas, associações de classe, e as instituições de cunho religioso ou mesmo os bares.

Na realidade, para Erbolato (2002) os papéis parentais nunca se extinguem, mas vão se modificando, transformam-se as responsabilidades e os deveres. Por exemplo, no papel de pais, com a independência dos filhos o papel de cuidador se extingue, e conseqüentemente a autoridade também diminui (podendo ser decorrente também da perda do poder econômico ou da saúde). Segundo Motta (1993) com a fragilização física os idosos precisam de maior segurança para a realização de tarefas antes consideradas simples. Os mais jovens podem se tornar fonte de apoio neste momento. Isto, no entanto, pode gerar um sentimento de humilhação e infantilização do idoso devido a uma inversão de papéis. Tornando-se desse modo, outro fator que pode

dificultar a relação entre idosos e seus filhos. Este fato foi percebido na análise feita do material, onde a precarização da saúde do idoso aposentado, acabou aproximando pais e filhos. Como no caso do senhor Samuel que relatou que a partir do momento em que começou a ter problemas de saúde os filhos passaram a cuidar mais dele. Como se vê no relato onde ele diz: “a minha família toda me cuida como se eu fosse uma criança”... “me incomoda, porque eles querem saber tudo. Onde tu vai pai? O que tu vai fazer? Onde tu vai? Ali? Mas que horas tu volta? Não sei, a hora que eu puder eu volto. Ta, mas leva o telefone!. Ta, eu vou levar o telefone.” Esse excesso de zelo prejudica a relação pais e filhos, e acaba provocando no idoso uma sensação de impotência e infantilização, como se ele não tivesse mais condições de se cuidar sozinho. Acarretando, também um certo aborrecimento pela falta de liberdade, pois os filhos controlam, querendo saber onde ele vai estar, o que vai fazer, o horário em que vai voltar e se está se alimentando adequadamente.

Como se nota o retorno de suporte nem sempre é tranqüilo, mesmo que os idosos tenham feito o depósito no que Antonucci chamou de “banco de suporte social” quando mais novos. Muitas vezes os idosos se incomodam de receber, principalmente quando acreditam que seja em demasia para a situação. Quando ocorre essa inadequação das relações e suas trocas, o que vai assegurar o suporte é a qualidade das relações anteriores, a afeição entre os envolvidos e o sentimento de dever filial.

O papel de avós desenvolve-se normalmente no início da velhice e com a proximidade da morte, o papel de avô pode ser um modo de o idoso tentar compensar essa aproximação “pela idéia de continuidade e perpetuação representada pelos netos”. Este relacionamento normalmente é fonte de satisfação devida, principalmente, ao fato de não exigirem deveres relativos aos papéis de pais. (ERBOLATO, 2002, p. 961).

O nascimento dos netos é também um acontecimento que estimula o aumento do contato com os filhos. Alguns participantes auxiliam a cuidar dos netos, seja através do almoço durante a semana (Samuel) ou então cuidando em alguns turnos da semana (Sandro). No caso do senhor Samuel as noras têm um horário de trabalho bastante intenso por que são profissionais liberais, então eles (ele e a esposa) auxiliam fazendo almoço para os netos e para as noras alguns dias da semana. Já o senhor Sandro, além de cuidar o neto quatro turnos por semana, nos finais de semana fica com ele quando a filha quer sair a noite e ainda gosta de passear com ele no final de semana. Este contato com os netos é positivo na maioria dos casos, como no do senhor Pedro cujos netos

moram na mesma casa. Ele diz que gosta de poder auxiliá-los a resolver problemas do dia a dia do tipo arrumar bicicleta ou arrumar brinquedos estragados. Mas outros participantes, como o senhor Cosme, por exemplo, dizem que esse contato com os netos precisa ser limitado, pois eles fazem muito barulho e bagunça e ele não tem muita paciência para isso. O que de certa forma contraria Motta no que se refere ao idoso viver através das pessoas mais novas que estão a sua volta. Mas é interessante lembrar que este senhor apresenta características depressivas, o que pode justificar este recolhimento.

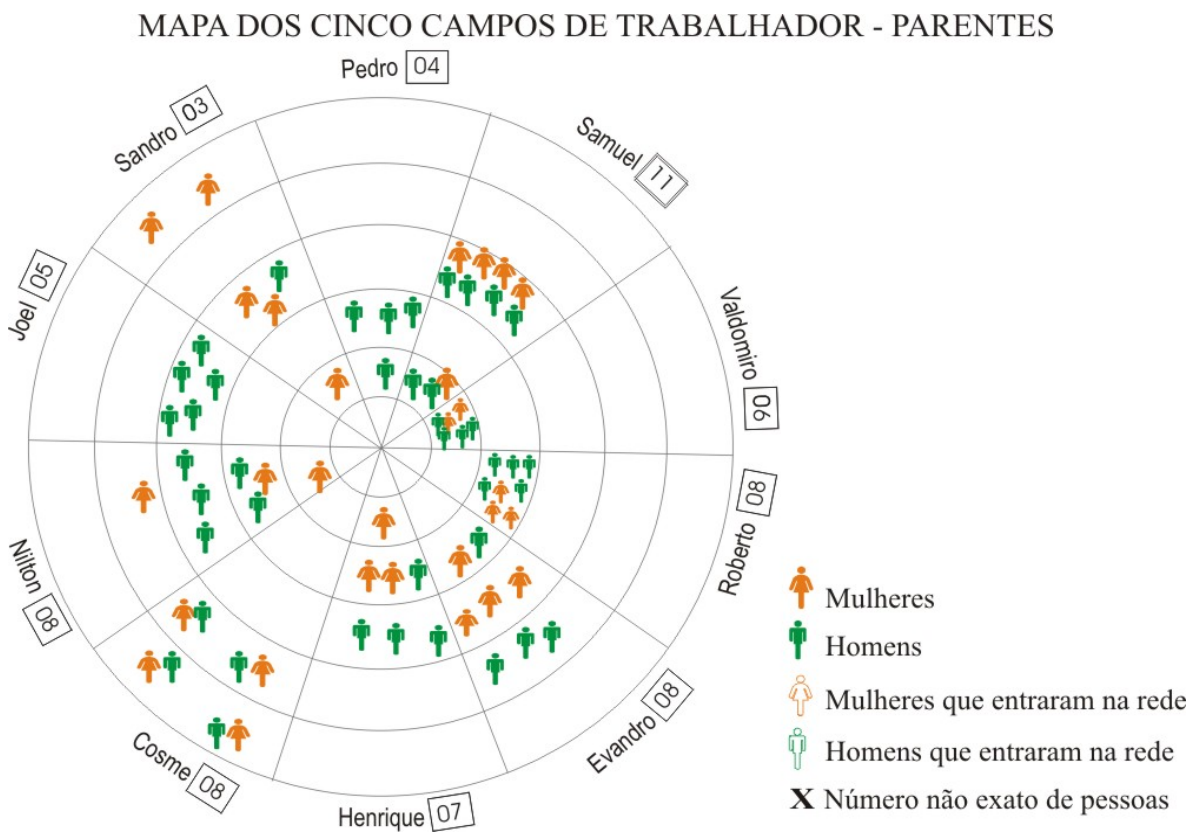
O aspecto financeiro é um outro fator que acaba interferindo na qualidade da aproximação dos aposentados e suas famílias. O senhor Evandro, por exemplo, diz que a sua filha e as netas sempre lhes procuram apenas quando precisam de dinheiro para alguma coisa. Isto provoca nele uma tentativa de mantê-las o mais distante possível para evitar uma sobrecarga, pois além de ter que cuidar da esposa sozinho (ele não poder contar com a filha e nem as netas nesta tarefa), precisaria dividir a sua aposentadoria com quem nada lhe oferece em troca.

Apesar de Fericgla (1992) afirmar que existe uma modificação na família, na qual vínculo se inverte, ou seja, aquele vínculo que antes era basicamente informal, passa a ser formal, os dados desta pesquisa apontam para uma aproximação do vínculo e aumento da intimidade entre pais e filhos, e não para uma inversão. Os filhos ou netos passam a ter obrigações do tipo levar ao bando, ao médico, acompanhá-los nas compras quando há alguma dificuldade física mais evidente. Isto só apareceu no caso do senhor Samuel que já estava com algumas dificuldades para caminhar. De qualquer forma, isso tende se intensificar em função da fragilização da saúde.

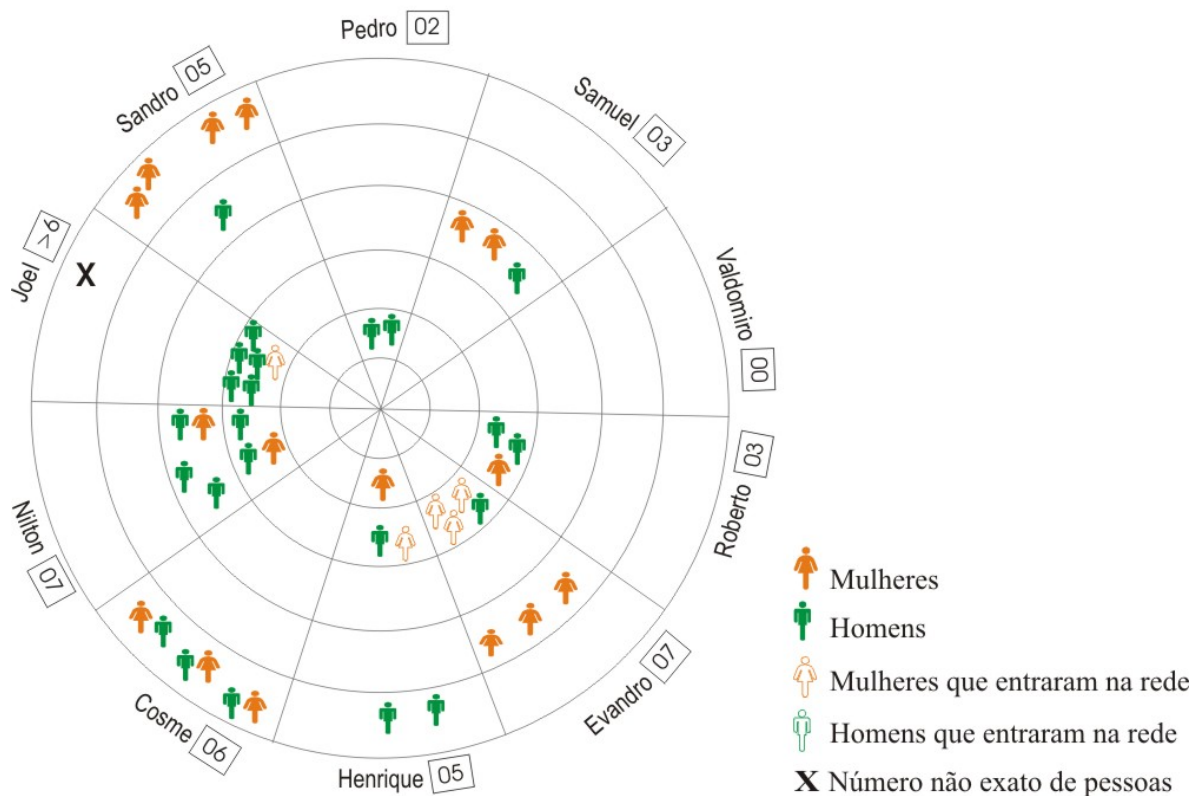
Portanto, na família houve uma mudança na posição do idoso aposentado que começa a fazer mais parte do dia-a-dia da família, inteirando-se mais das questões práticas e emocionais. As trocas parecem se intensificar e não ocorrem apenas no sentido de receber apoio, pois muitos idosos auxiliam seus filhos em atividades práticas, como o cuidados dos netos, portanto eles também fornecem apoio à família. Este é um grupo muito importante na adaptação à aposentadoria e é marcado pelo crescimento evidente em função dos casamentos dos filhos e da chegada dos netos.

## 4.2 Parentes

A relação entre irmãos ocupa um papel especial, pois segundo Antonucci (2001) é uma relação entre iguais, diferentemente da relação entre pais e filhos, por exemplo, que é marcada pela diferença geracional. Pesquisas recentes têm mostrado que os irmãos fornecem um importante suporte emocional na velhice, principalmente entre aqueles que nunca se casaram. A força da relação entre irmãos baseia-se principalmente na consangüinidade, pois a pessoa nasce, vive e morra com uma mesma família, desse modo, ela pode prover segurança e continuidade através do tempo. Isso leva a preservação do papel de irmão inclusive na velhice (diferentemente do de filho, por exemplo). (ERBOLATO, 2002).



## MAPA DOS CINCO CAMPOS DE APOSENTADO - PARENTES



Para os idosos participantes da pesquisa o contato com família de origem é importante, tanto que aqueles que moravam próximos a sua família mantinham um contato bastante freqüente no período em que trabalhavam. Os encontros na casa dos sogros, pais e irmãos, eram semanais, ocorrendo principalmente aos finais de semana, no tradicional almoço de domingo, ou então nas comemorações dos aniversários. A relação com os irmãos e os cunhados também era bastante freqüente antes da aposentadoria e nessas reuniões familiares era comum a presença de toda a família. Normalmente existia um espírito de colaboração nesses encontros, onde, como colocou o senhor Nilton “...as mulheres ficavam cozinhando, ou os homens fazendo churrasco e tomando chimarrão, era um ócio total”. Esta colocação também aponta para outra motivação dos encontros que era a diversão, como no caso do senhor Evandro que se encontrava com os irmãos, cunhados e primos para jogar cartas e conversar sobre política nos finais de semana; e o senhor Valdomiro disse que visitava a irmã “no final de semana para festa e comilança”.

Mesmo que esse contato tivesse motivações positivas para acontecer, como colocou o senhor Sandro, ele não se restringia apenas aos momentos festivos, e incluía também auxiliar os pais e sogros nas tarefas mais variadas, como, por exemplo, ir ao



médico, ir ao banco e fazer compras. Este comportamento de auxílio aos idosos acabou sendo passado de uma geração à outra, pois como foi visto na análise da família, hoje são os seus filhos que assumiram este papel de apoio.

Alguns fatores interferiam significativamente na qualidade do contato com os parentes, e entre eles destaca-se a falta de tempo e a distância. O senhor Pedro disse que, pelo fato de trabalhar em dois empregos, ele e os irmãos, que moravam na mesma cidade, se viam muito pouco. Ele entende que não tinha como ser diferente, pois tinha que trabalhar. Os irmãos iam procurá-lo, muitas vezes reclamando da sua pouca disponibilidade da família. Em função disto o contato se restringia a alguns finais de semana durante o ano (dois ou três no máximo) onde havia alguma comemoração mais significativa. Mas a falta de tempo é apresentada igualmente por outros participantes. Estes relataram que, mesmo não trabalhando em dois empregos como no caso do senhor Pedro, sentiam que o trabalho acabava tomando muito tempo e isso os impedia de conviver mais com suas famílias.

Como apontado antes, a distância dificultava o contato dos participantes com os parentes que moravam em cidades diferentes. Isto ocasionava uma dificuldade maior para encontrá-los e vários relataram que sentiam falta desse contato mais próximo. O senhor Roberto disse que eles se viam no máximo uma vez por mês e ele acredita que o contato seria mais fácil se morassem na mesma cidade. E como morou em locais bem longe da família, não teve aquela convivência do dia a dia, do qual ele sentia falta. O senhor Samuel morou um tempo no interior e neste período diminuiu os encontros com a família, e o contato ficou mais por telefone. Só via a mãe uma vez ao ano, pois morava numa cidade muito distante, fato também citado pelo senhor Sandro. O senhor Valdomiro também foi transferido várias vezes, e conseguiu manter mais contato apenas com a irmã que morava mais próximo. Já o senhor Joel disse que o contato com os irmãos era esporádico, por que ele ficou morando sozinho no interior e os irmãos vieram para a grande Porto Alegre.

Com a aposentadoria um quadro que se destaca é o distanciamento dos parentes. Alguns relataram que hoje existe uma dificuldade maior para se encontrarem. Isto ocorre mesmo entre aqueles que antes, durante a vida de trabalhadores, eram próximos. Os idosos perceberam que encontravam os parentes mais seguidamente quando os filhos, deles e dos irmãos, eram pequenos. E que com o tempo, esse contato foi

diminuindo. Acreditam que isto se deve, principalmente, ao fato de se tornar os “patriarcas” das famílias, isto é, houve uma modificação no papel familiar, o que acabou os levando a um papel mais central na dinâmica familiar.

Um outro fator que interfere nessa convivência com os parentes é o avanço da idade e a conseqüente morte de muitos deles, principalmente os irmãos. O senhor Samuel, por exemplo, já perdeu 6 dos 9 irmãos, bem como o senhor Evandro que já perdeu dois dos três irmãos. O senhor Henrique perdeu a sogra e a cunhada (que cuidava da sogra) e percebe que depois que elas faleceram o contato com os sobrinhos que antes era semanal, passou a ser mensal. A tendência ao enclausuramento do idoso é apontada também pelo senhor Samuel como um fator determinante no afastamento dos parentes, ele acha que pode faltar assunto, e acaba ligando menos para as irmãs por causa da idade, e isso faz com que eles se afastem mais. Uma saída encontrada para este afastamento após a morte dos pais e o crescimento das próprias famílias foi a dos parentes do senhor Roberto que, após a mãe falecer, anualmente organizam um encontro para continuarem mantendo a convivência.

Uma maior aproximação dos parentes com a idade é a exceção e ocorreu no caso dos senhores Pedro e Joel. No caso do senhor Pedro houve uma maior disponibilidade de tempo, pois ele trabalhava em dois empregos e depois de aposentado pode encontrar os irmãos mais facilmente. E o senhor Joel com a aposentadoria pode mudar de cidade e foi morar mais próximo dos irmãos. Esta aproximação, portanto, tem interferência da aposentadoria dos participantes.

Talvez em função da centralidade do papel de patriarca e da morte de muitos membros desta rede, os parentes foi o único grupo que mostrou diminuição no número de membros na rede. Com as pessoas deste grupo, os aposentados dividiram partes muito importantes de suas vidas, e não tê-los como espelho para este momento pode dificultar o investimento nos novos membros (sobrinho, sobrinhos-netos, etc).

### **4.3 Colegas de Trabalho**

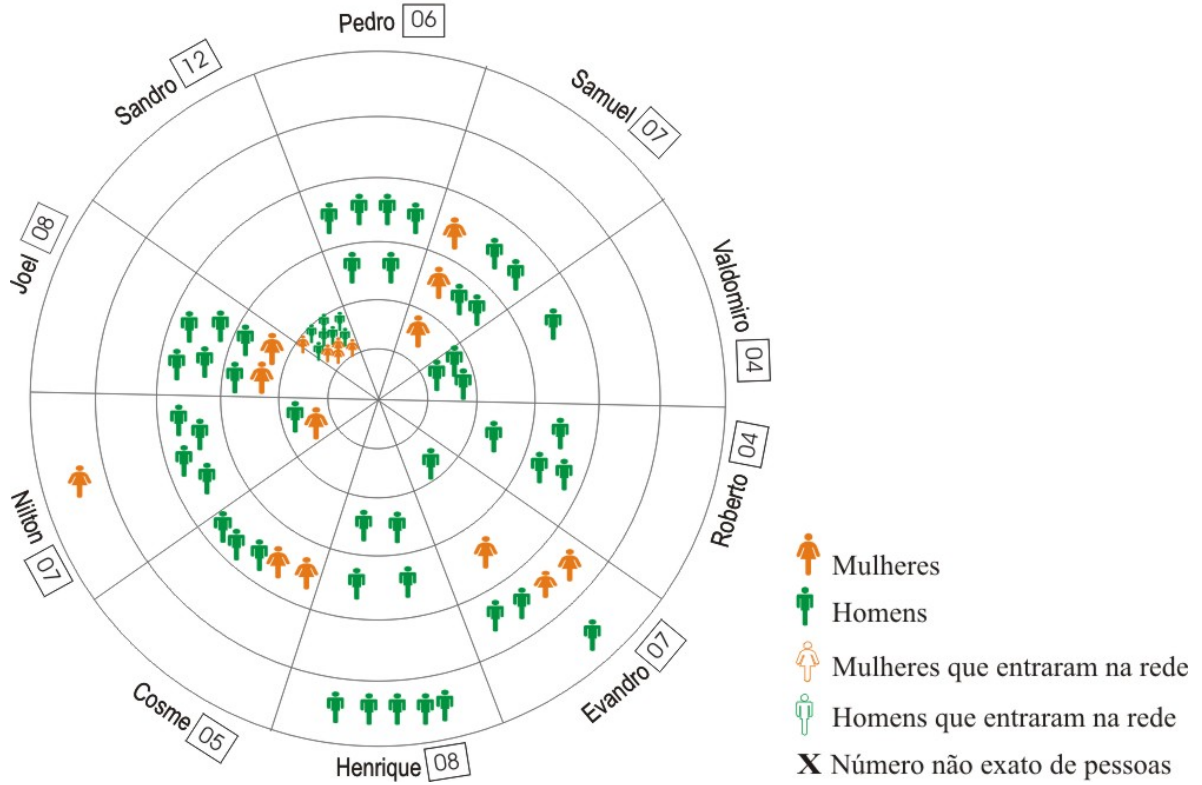
A relação com os colegas de trabalho nem sempre se dava de forma equitativa, sendo que algumas eram simétricas e outras hierarquizadas. Geralmente, havendo a possibilidade de escolha as relações escolhidas são aquelas entre iguais. Nas relações de trabalho podem coexistir ambas as características, mas isso vai ser determinado em

função dos diferentes níveis de autoridade, do status dentro do contexto de trabalho. Dentro da idéia de escolha no trabalho, Erbolato (2002) salienta que até se pode escolher uma profissão, mas não os colegas e a chefia que se terá dentro da uma determinada empresa, por exemplo. Existe, portanto, uma certa rigidez quanto a possibilidade de escolha. Mas, mesmo com estas características, Motta (1993) que no ambiente de trabalho satisfazem-se muitas necessidade humanas. É neste ambiente que se descobrem afinidades e se formam laços de amizade. Estes laços podem ser mais significativos do que a própria questão financeira.

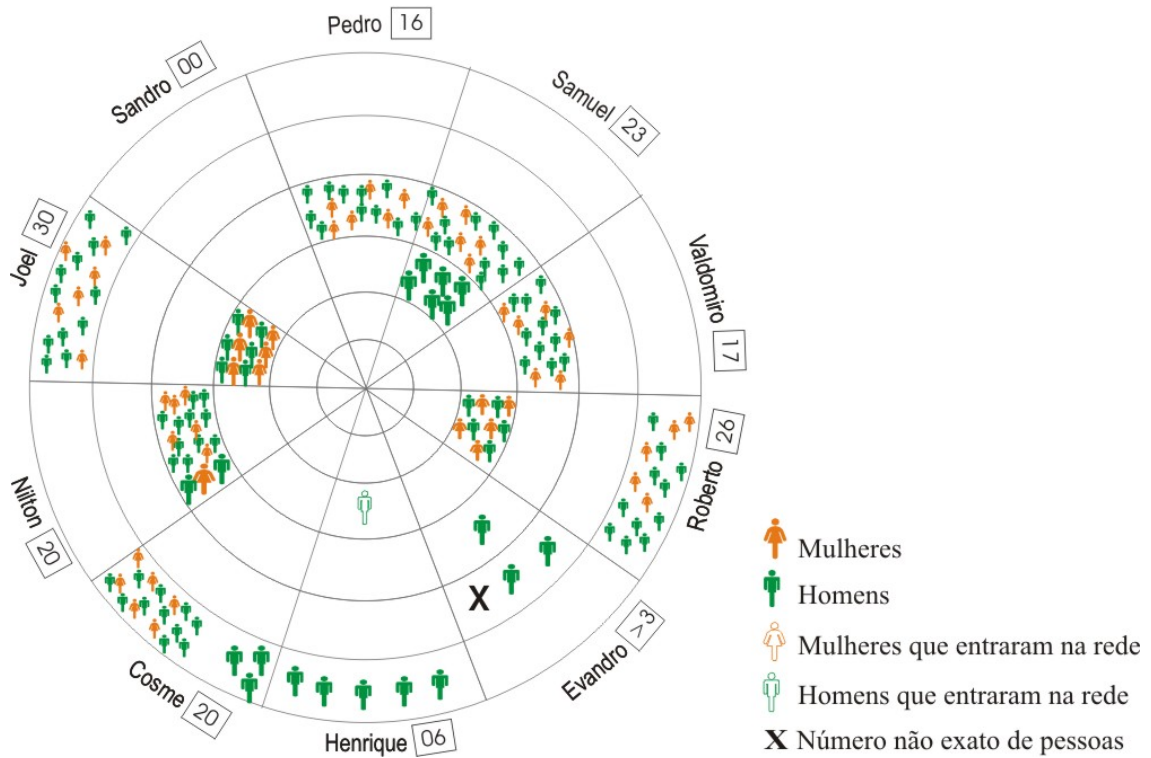
Salgado (1993) traz que em função do papel de trabalhador o homem estabelece relações afetivas, e são estas que proporcionam que as associações e grupos profissionais se mantenham, esteitando as relações de caráter afetivo, fora do ambiente de trabalho. Na pesquisa a maioria dos participantes apontou a convivência como os colegas como uma relação de amizade. Mas esta relação era retratada nos mapas das redes sociais de forma inesperada, pois mesmo sendo amigos os colegas de trabalho, mesmo sendo próximos fisicamente, não eram colocados nos primeiros círculos, mas sim nos círculos subseqüentes (mais distantes). Esta situação é diferente dos quadrantes da família e parentes, onde as pessoas eram colocadas em posições diferentes de proximidade (tanto próximas como distantes).

No caso dos participantes desta pesquisa, não era raro necessitarem de transferência em função de seu trabalho. Nestes casos, as famílias acompanhavam os pais, e isto gerava uma série de adaptações e complicações. Motta (1993) salienta que mesmo que haja uma motivação financeira para as mudanças, esta não resolve todas as dificuldades que se criam. Existem desvantagens sociais que se criam em função dos deslocamentos freqüentes. O fato de morar em muitos lugares dificulta a pessoa criar raízes, provocando um rompimento das amizades. A mudança de domicilio é um dos fatores que pode “afetar os relacionamentos na idade adulta, levando ao afastamento, a perda ou busca de novos parceiros, portanto, não é difícil imaginar por que são poucos os que permanecem” (ERBOLATO, p. 959, 2002)

MAPA DOS CINCO CAMPOS DE TRABALHADOR - COLEGAS DE TRABALHO



MAPA DOS CINCO CAMPOS DE APOSENTADO - COLEGAS DE TRABALHO



Na análise das entrevistas um ponto bastante significativo é que aqueles participantes que mantiveram um contato mais próximo com os colegas, foram justamente os que moravam longe das suas famílias [de origem], o que de algum modo os forçava a uma procura por apoio e companheirismo. Isto aconteceu com os dois participantes que morava, longe das famílias, senhor Roberto e Joel. Eles relataram que fizeram amizade com casais que eram colegas, e com eles saíam nos finais de semana para jantar e conversar, ou então iam a baile. Foi um vínculo que se expandiu para a aproximação inclusive com as famílias nucleares, o que não se observou com os outros participantes.

A hierarquia foi um ponto relevante na relação com os colegas de trabalho. Para os participantes que exerciam cargos mais elevados hierarquicamente os contatos mais próximos acabavam sendo com os colegas do mesmo nível hierárquico, como colocou o senhor Samuel: “às vezes os diretores saíam depois do trabalho para tomar uma cervejinha ou faziam um churrasco mais restrito”. Isto aparece também na fala daqueles que tinham um cargo mais inferior hierarquicamente, eles colocam os colegas de trabalho como amigos, contato este que se estende inclusive depois da aposentadoria. Esta aproximação pode ser facilitada também pelo fato de terem uma menor diferença hierárquica entre eles. Portanto quando a hierarquia desaparece, ou é diminuída, parece haver uma maior facilidade de aproximação entre os colegas. Esta diminuição da hierarquia vai aparecer nos contatos via associação, que será tratado logo abaixo.

As promoções também eram afetadas pela questão da hierarquia por que a indicação para era feita pela chefia. Então os chefes procuravam indicar os colegas de sua confiança, e isso acabava determinando as relações de amizade dentro da empresa. A opção adotada pela maioria dos participantes que exerciam cargo de chefia, era a de manter uma relação “mais profissional”, entendida como mais distanciada dos colegas que tinham funções hierarquicamente abaixo da sua. Como por exemplo, os encontros fora do trabalho se davam basicamente nas festas de confraternização de fim de ano, ou nas festas que a empresa promovia para todos os funcionários. Quando a festa era restrita ao grupo de trabalho, eles iam, faziam uma “presença” e logo se retiravam. O senhor Joel diz que o fato de ser chefia não impunha barreira, mas ele tinha que se esforçar para que isso não atrapalhasse. Essa dificuldade se apresentou inclusive num outro emprego que teve após a aposentadoria no qual disse que “não fez amizades, era mais “profissional”. Essa colocação expõe que a relação entre o trabalho e a construção

de relações de amizade não é simples. A hierarquia também é apresentada como fator interveniente nas relações de amizade pelo senhor Pedro que diz que no outro emprego que trabalhava, ele “tinha um nível igual ao dos diretores da empresa”, sentia-se mais de igual para igual com as pessoas trabalhava, demonstrando que a proximidade hierárquica facilitava os contatos. Ele considerava estes como amigos seus, inclusive após a aposentadoria. Poucos foram os participantes que fizeram uma diferenciação clara entre quem eram os amigos e quem eram os colegas como o senhor Valdomiro que disse que deixou “poucos amigos e bons colegas”. É interessante notar que ele tinha cargo de chefia, e talvez precisasse desta diferenciação para saber com quem poderia contar dos seus funcionários.

Além disso, é importante salientar que as pessoas não necessariamente são as mesmas de antes e depois da aposentadoria. Não que os que entraram no mapa após a aposentadoria sejam novos para os participantes (pois eles já se conheciam do correio, mesmo que não trabalhassem diretamente no mesmo setor), mas vários participantes citaram que alguns colegas que trabalharam diretamente com eles já morreram, ou encontram-se doentes. Portanto se fosse verificado apenas os contatos com aqueles que trabalharam juntos diariamente, estes provavelmente diminuiriam sensivelmente após a aposentadoria.

A dificuldade de definir o tipo de vínculo que tinham com os colegas de trabalho (se era de amizade ou de coleguismo), também está representada na fala do senhor Cosme que ressaltou que a convivência entre os colegas “era como se fosse uma irmandade, que nunca houve uma discussão” entre eles. Mas, ao mesmo tempo, é interessante notar que ele foi o único a relatar dificuldades de relacionamento, isto é, reclamou de atitudes que não considerava corretas dos colegas para com ele. O que mostra que este tipo de relação, é diferente das outras de amizade simplesmente, pois existem muitos fatores turvando essa convivência.

O contato com os colegas se restringia ao local trabalho, não extrapolava para fora da “repartição”, o que acabava dificultando uma maior aproximação entre eles. Os encontros fora do ambiente de trabalho eram relatados por poucos participantes, e normalmente eram promovidos pela própria instituição, como nas festas de fim de ano, pelas rotinas inerentes ao trabalho (como almoçar juntos, tomar um cafezinho no

intervalo, ou tomar cervejinha na saída do trabalho) ou então através da prática de esportes.

Um dos fatores apontados para a relação de trabalho ser considerada como de amizade é trazida pelo senhor Pedro, que disse que eles não tinham tempo para cultivar outras amizades, sendo os colegas as pessoas com quem passavam a maior parte do tempo. O senhor Samuel exemplificou que trabalhava há tanto tempo com a pessoa que era subordinada a ele, que a relação mudou, aí ele passou a considerar de amizade. Portanto, a proximidade era outro fator que levava a constituição de um vínculo mais próximo. O apoio mútuo nas atividades de trabalho, também, acabava promovendo um reconhecimento que podia derivar para a amizade, como evidenciado na fala do senhor Valdomiro: “no início foi por causa do trabalho e depois veio a amizade”.

Depois da aposentadoria os contatos com os ex-colegas ocorrem mais nas associações de classe ou então nos cafés da cidade (neles se reúnem para conversar assuntos variados, mas principalmente sobre a política e a economia nacional). Segundo Fericgla (1992) a busca pelos centros ou grupos de idosos ocorre visto que lá todos se sentem e são tratados como iguais, encontrando-se na mesma situação. Nas associações eles são “o centro e o motivo mesmo da existência da instituição, compartilhando solidariedade e criando redes interpessoais [. . .]” (p.143-144) Além disso, a proximidade com pessoas que tiveram experiências semelhantes é significativa, pois elas podem recordar do passado, retomando lembranças apagadas pelos anos, revivendo acontecimentos agradáveis. (Motta, 1993).

Na AGACOR eles encontram os ex-colegas principalmente nas reuniões das quartas-feiras. Eles vão a associação por vários motivos, entre eles: bater-papo, saber sobre as causas trabalhistas que movem em conjunto na justiça, organizar viagens para os congressos de aposentados ou de passeio, ou então, como colocou o senhor Joel, para se comparar aos outros “pra ver quem está mais conservado”, o que acaba gerando uma série de brincadeiras. Nestes encontros o foco das conversas muitas vezes ainda é o mundo do trabalho, mesmo que indiretamente, através do acompanhamento de processos jurídicos para a revisão de salários, bem como através da recordação dos acontecimentos, rotinas e inovações no trabalho propriamente dito.

A importância do trabalho é crucial na vida desses aposentados, como foi trazido pelo senhor Cosme ao dizer que gostaria de ter mais contato com os ex-colegas de trabalho, mas para poder discutir sobre as questões do trabalho. Pare ele deveria haver grupos de discussão sobre o trabalho que exercia, gostaria para poder continuar conversando sobre coisas que gostava e entendia. Esta colocação demonstra que o trabalho tinha e continua tendo um papel central na vida deste homem. Para ele é muito difícil adquirir novas habilidades, inclusive falar sobre outras coisas que não fosse o trabalho. Mesmo que ele tenha justificado o cansaço como motivo da aposentadoria, ele continua sentindo falta do trabalho no seu dia-a-dia, inclusive chega a sonhar com a sua antiga rotina na empresa. Não é difícil de imaginar as dificuldades que este senhor tem enfrentado na sua aposentadoria, mesmo estando há muitos anos aposentado.

Os participantes da pesquisa relatam que gostariam de encontrar mais colegas na AGACOR, mas muitos não vão às reuniões por problemas de saúde ou dificuldades impostas pelo envelhecimento. O senhor Samuel e o senhor Cosme acreditam que exista uma acomodação das pessoas com o envelhecimento, pois parece que fica mais difícil sair e encontrar as pessoas. Outro empecilho imposto pelo passar dos anos é a morte de ex-colegas de trabalho, que foi colocado pelo senhor Pedro, Evandro e Nilton.

Uma outra dificuldade apontada na manutenção do contato com os ex-colegas de trabalho é que alguns ainda estão trabalhando o que faz com que eles tenham menos tempo disponível. E ir até o antigo local de trabalho não é tão simples, como disse o senhor Samuel, que raramente vai ao local onde trabalhou, pois tira as pessoas da sua rotina, inclusive podendo melindrar o colega que ficou no seu lugar, pois alguns antigos subordinados vêm querer tirar dúvidas com ele. Então para evitar constrangimento, ele evita de visitar seus colegas no local de trabalho.

O vínculo com os colegas parece ser algo que se mantém enquanto necessário e, em raros casos, se transforma numa relação de amizade que é mantida durante a aposentadoria. Este vínculo parecia suprir, de algum modo, a falta do contato com a família, pois se observa que logo após a aposentadoria o vínculo com a família e os parentes é retomado em detrimento do vínculo com os colegas de trabalho. Este fato se exemplifica na fala do senhor Joel que diz que logo que se aposentou, se aproximou mais da família de origem, e a amizade com os amigos que fez na empresa enfraqueceu naturalmente pela distância que foi imposta. Apenas o senhor Valdomiro acredita que a



aposentadoria facilita a manutenção do contato, e até uma maior aproximação dos ex-colegas. Para ele o fato de não existir tantos interesses em jogo (como a possível indicação para um cargo mais elevado, por exemplo) torna mais fácil se aproximar e manter uma relação de maior amizade.

Na análise comparativa dos mapas dos cinco campos referentes aos colegas de trabalho, nota-se que existe um movimento centrípeto, ou seja, aqueles que antes eram colocados mais próximos (até mesmo em função do contato diário), hoje em dia são colocados mais distantes. Existe um aumento no número de participantes da rede dos aposentados no grupo de ex-colegas, mas este aumento não significa aumento de intimidade, pois os encontros, na maioria das vezes, são mais casuais, mais precisamente semanais. O aumento do número de ex-colegas na rede deve-se, muito provavelmente, ao fato de que eles participem de uma associação, pois os participantes da pesquisa foram acessados pela Associação dos Funcionários do Correio (AGACOR) e em função disto, a maior parte deles participava freqüentemente das reuniões da associação (além de outras atividades como viagens a passeio, a congressos etc). Imagina-se que se os participantes fossem acessados de outro modo, talvez essa característica não se confirmasse.

#### **4.4 Amigos e Vizinhos**

Os amigos representam um papel importante na vida dos idosos, e a redução destes acarreta sentimentos negativos (MOTTA, 1993). Segundo Antonucci (2001) eles não são relações obrigatórias, fornecendo um feedback positivo. As amizades são opcionais e voluntárias, sendo escolhidas por partilhar de atributos em comum com o sujeito. Nas relações de amizade procura-se evitar o desnível, a dependência, a obrigatoriedade de modo a assegurar trocas eqüitativas entre os participantes. (ERBOLATO, 2002).

As amizades não são fáceis de se manterem durante todo o curso da vida, pois as pessoas vão se modificando. Mas estas relações parecem estar sempre presentes na vida de jovens, adultos ou idosos. O bem estar subjetivo oriundo das amizades normalmente é decorrente das trocas simbólicas e do suporte emocional (como por exemplo: comunicação, troca de confidências, reafirmação da auto-estima, confirmação de valores, etc.). Mas o papel do amigo é bastante flexível, podendo “ser desempenhado de diversas maneiras, por diferentes pessoas ao mesmo tempo e por diferentes pessoas ao

longo da vida” (ERBOLATO, 2002). A amizade se define pela gratificação mútua, onde “a ajuda é bem recebida, mas não é obrigatória”, sendo que o não recebimento de suporte não gera obrigatoriamente sentimentos negativos, o que acontece de maneira diferente da rede familiar, por exemplo. Isto ocorre por que os membros da família são tidos como os cuidadores primários. Portanto, nada é obrigatório na amizade e mesmo com essas limitações as amizades são importantes por que mantém o “sentimento de bem-estar e satisfação com a vida, avaliando a solidão, promovendo conversação, compartilhando reminiscências e servindo como ponto entre o indivíduo e a comunidade. (ERBOLATO, p. 962, 2002)

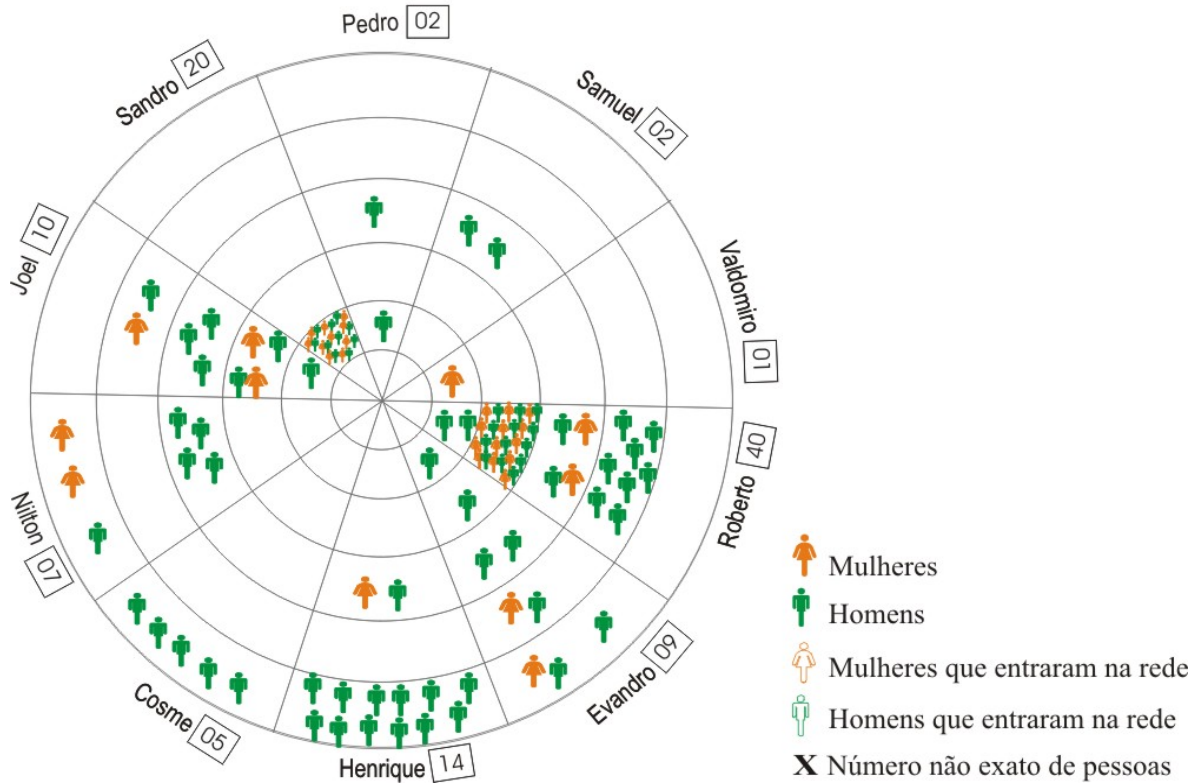
Os amigos servem como uma medida extra-familiar para o sujeito avaliar, comparar o seu desenvolvimento. São ainda fonte de ajudas diversas, sentimento de pertencimento, de confiança e encorajamento, tendo uma importante função no domínio afetivo, nos momentos de lazer e permitem, ainda, a expressão de sentimentos e segredos (DEVRIES, 1996, apud ERBOLATO, 2002)

O aspecto voluntário e a flexibilidade das amizades terão especial importância na velhice, pois as limitações da saúde podem impedir que as trocas sejam equitativas. Mas a função do domínio expressivo garante uma certa independência do contato pessoal. Amigos de idades semelhantes têm mais chances de apresentar as mesmas dificuldades e entendê-las. Nesta situação os contatos podem ser mantidos por meio de telefonemas ou cartas, o que auxilia a manter os sentimentos de proximidade e a reduzir o risco da não reciprocidade (ERBOLATO, 2002).

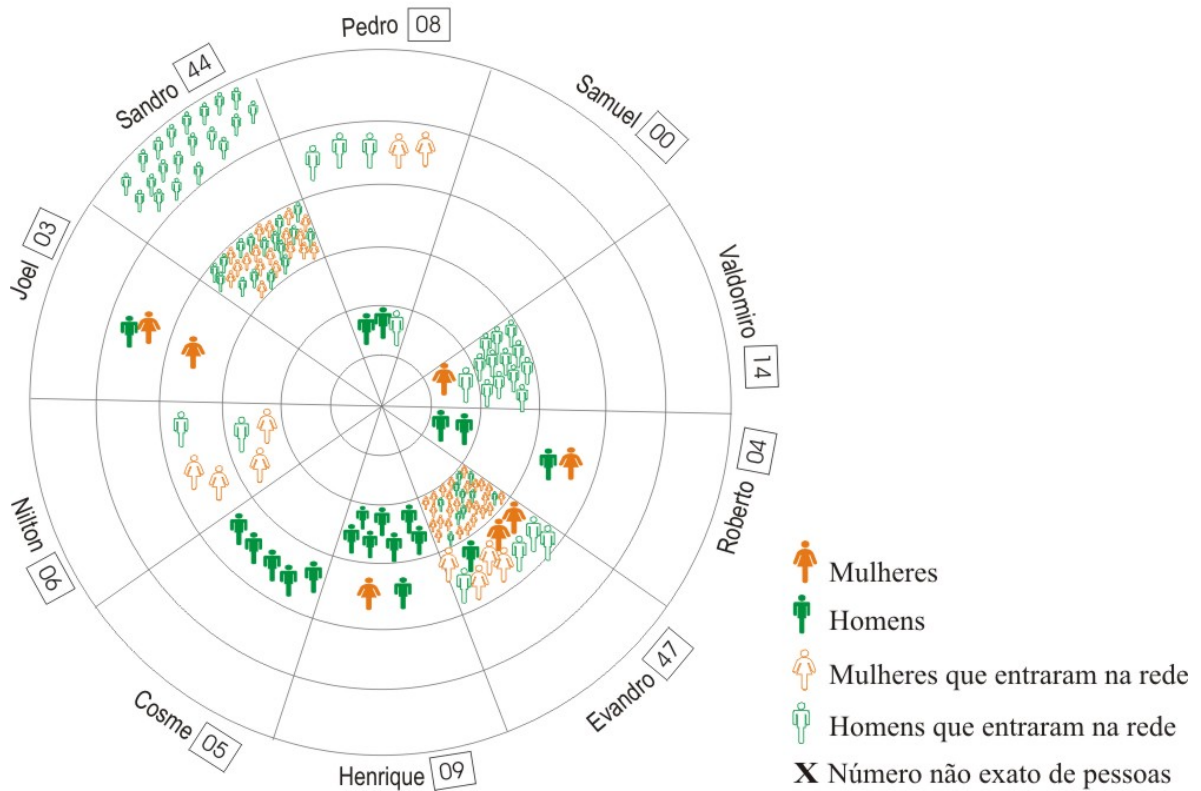
As trocas acontecem entre pessoas que se conhecem, através da qual se cria um sistema de informações, provendo o seu membro de informações culturais, financeiras, facilidades existentes na comunidade, além disso, auxilia a evitar comportamentos de risco. Pessoas com idades próximas fazem comparações e isto pode se traduzir em auto-avaliações positivas. (ERBOLATO, 2002)

Neste tópico será feita uma divisão didática entre os amigos e vizinhos para facilitar a análise dos dados das entrevistas. Esclarecendo-se que nos amigos estão relacionadas aquelas pessoas que não eram colegas de trabalho, como por exemplo, amigos de infância e adolescência, antigos colegas de aula ou faculdade, bem como aqueles relacionados a outras atividades de interesse dos participantes como, por exemplo: grupos religiosos, grupos de estudo, grupos ligados a “práticas desportivas”, etc.

## MAPA DOS CINCO CAMPOS DE TRABALHADOR - AMIGOS E VIZINHOS



## MAPA DOS CINCO CAMPOS DE APOSENTADO - AMIGOS E VIZINHOS



Quanto aos amigos pode-se notar que o trabalho também afetava as amizades formadas fora dele, principalmente pelo pouco tempo disponível que os participantes tinham para se dedicar aos amigos. Como apresentado pelo senhor Pedro que diz que não tinha muita amizade fora do correio por que não tinha tempo, os seus amigos eram os colegas do trabalho. Ou como no caso do senhor Henrique que via menos do que gostaria os amigos por que não tinha tempo para encontrá-los, pois no horário em que se reuniam ele tinha que trabalhar.

Os participantes disseram que tinham várias motivações para manter as amizades, entre elas pode-se salientar a diversão, como um modo de se manter atualizado e de crescer e como apoio também. A diversão foi salientada pelo senhor Cosme que ia ao bar da esquina todas as noites, quando chegava do trabalho. Dizia que era “para se benzer... se não fosse ali não tinha graça”. O senhor Roberto relatou que enquanto trabalhava tinha um grupo de amigos que encontrava num bar para conversar. Eles conversavam sobre vários assuntos, inclusive estipulavam assuntos para serem pesquisados e discutidos nos próximos encontros, e para ele era bom por que aprendia muito com eles. Um outro modo de se manter atualizado sobre as coisas é apresentado pelo senhor Joel que participava de um grupo de estudo com mais três amigos. Era um grupo de estudos relacionado a uma religião, mas baseado num vínculo de amizade. Eles se reuniam, mas não era só para estudar, como ele colocou “nós nos ajudávamos, um problema na família assim, por exemplo, alguém tinha um problema na família então o grupo, nós nos reuníamos e a gente ia auxiliar, dar um apoio, acho que isso é muito importante, era um apoio”.

Apenas dois participantes relataram que mantinham algum tipo de contato, mesmo que esporádico com amigos de infância e juventude, que foram o senhor Samuel e o senhor Nilton. O segundo, por exemplo, dividiu o apartamento com mais 3 amigos no tempo da faculdade, e às vezes se encontravam, até se visitavam. O caso do senhor Sandro é interessante, pois ele foi o único que, morando longe da família, fez um vínculo de amizade com outros grupos que não só o do trabalho. Ele e a esposa tinham um grupo de 5 casais que realizavam atividades semelhantes a da família, como por exemplo festejar os aniversários juntos, tirar férias na praia juntos, e apoiar nos momentos de dificuldade.

Alguns aposentados perceberam que houve uma diminuição no grupo de amigos com o passar dos anos. Este fato foi apontado pelo senhor Henrique, e ele entende que isso acontece devido aos problemas da idade. Outra hipótese levantada pelo senhor Samuel é de que o idoso enfrenta uma certa dificuldade com a passagem dos anos para fazer e manter os vínculos de amizade, sendo que na juventude ele considerava mais fácil. Com a passagem do tempo ele também notou que os velhos pouco saem de casa, e quando o fazem os encontros são rápidos. O que acaba dificultando a formação de vínculos fora da família. Esta situação é corroborada pelo senhor Nilton que tinha colegas de apartamento do período da faculdade que hoje raramente encontra, sabe deles apenas através de encontros ocasionais nas ruas da cidade, mesmo sabendo telefone e endereço uns dos outros.

O senhor Samuel acredita que esta pressa nos encontros se deve ao fato de que encontrar com outro velho pode ser ruim por que a tendência é se queixarem muito da vida, e, além disso, a pessoa pode saber de alguma notícia triste, como por exemplo, a morte de algum conhecido. Portanto ele acredita que o ato de procurar outras pessoas para conversar e interagir diminui com o tempo por que as pessoas se fecham, se enclausuram, e falta até assunto. Ele acha que seria interessante poder se encontrar em restaurante, bar, viajar juntos, ter momentos de lazer juntos.

Em função desta disposição maior para os momentos de lazer, as instituições como as religiosas e as associações (das mais variadas ordens como as de bairro, escolares, sindicais, etc), parecem ser uma saída encontrada pelos participantes para manter estes vínculos de amizade. Elas são um ponto de partida escolhido pela maioria dos participantes para manter as relações de amizade, fora aquelas motivadas pelo trabalho. Mas é interessante notar que além da manutenção de alguns (poucos) contatos anteriores a aposentadoria, através destes grupos os aposentados conheceram pessoas diferentes e fizeram novas amizades. Provocando uma renovação (que é a tônica na maioria dos casos) nos laços, o que pode ser bastante significativo e estimulante para estas pessoas.

Uma característica interessante dos aposentados participantes da pesquisa é que estes tendem a procurar uma posição de destaque nestes grupos que participam, como por exemplo: o senhor Sandro é presidente dos casais “festeiros” da igreja que participa, o senhor Pedro é presidente da associação de bairro e o senhor Valdomiro foi síndico do

prédio por muitos anos após se aposentar. Esta procura pela posição de comando nos grupos pode demonstrar o quanto é importante o sujeito ter uma posição de evidência, mesmo que durante o período de trabalhadores eles não tivessem um cargo muito significativo dentro da empresa. E mais ainda, que esta busca pode também apontar para uma dificuldade destes idosos em parar de trabalhar, e em decorrência disto, também cessar o reconhecimento que tinham através do seu papel profissional.

Mesmo que houvesse uma aproximação e um aumento no número de membros da rede de amigos, poucos participantes da pesquisa perceberam que havia esta aproximação dos amigos após a aposentadoria. Os que assim o fizeram entendem que o aumento do tempo liberado facilitou os encontros com os amigos que antes não podiam encontrar, como coloca o senhor Henrique. Esse aumento de tempo liberado ocasiona uma modificação inclusive no mapa, pois hoje ele considera estes amigos como mais próximos, posição antes ocupada pelos colegas de trabalho. No mapa este grupo de amigos, na época que trabalhava era colocado mais distante, hoje é no segundo círculo, isto é, houve uma aproximação. Hoje ele encontra estes amigos quase que diariamente, fazendo inclusive novos amigos, por que “um vai levando outro”.

Esta aproximação do grupo de amigos pode ser generalizada para os outros participantes, como se vê na comparação dos mapas antes e após a aposentadoria. E é interessante notar, que essa aproximação ocorre concomitantemente a um afastamento do grupo de colegas de trabalho após a aposentadoria. Ou seja, quando existe a possibilidade de manter um contato mais próximo com os amigos de fora do trabalho, a relação com os ex-colegas parece perder importância. É relevante lembrar que o afastamento físico também deve ter influência neste caso.

Outra questão relevante neste grupo é que ele apresenta muitos membros novos, onde se percebe que aqueles membros de antes da aposentadoria, nem sempre se mantêm. Como no caso do grupo dos parentes, muitos membros morrem pela idade avançada e deixam um espaço que pode ser ocupado, como mostrado em alguns casos, por novos amigos. Estes laços são possibilitados, na maioria das vezes, instituições das quais os idosos fazem parte.

A relação com os vizinhos é marcada pela proximidade geográfica e o contato freqüente, o que facilita a função de auxílio nas pequenas tarefas. E mesmo que estes

relacionamentos não sejam íntimos, eles auxiliam a “criar um ambiente potencialmente seguro e acolhedor. Mesmo na ausência de familiares, os amigos e vizinhos podem constituir-se uma rede social efetiva e ativa” (ERBOLATO, p. 962, 2002). Para a maior parte dos participantes da pesquisa o contato com os vizinhos normalmente era superficial. Isso ocorria principalmente em função da correria, isto é, do pouco tempo disponível, como exposto pelo senhor Evandro. A maioria procurava adotar a política da boa vizinhança, isto é, “tratando bem para ser bem tratado” (Cosme). O senhor Nilton mantinha um contato mais próximo com os seus vizinhos em função dos filhos com idades semelhantes e brincarem juntos, ou então para resolver algum problema do prédio junto ao síndico.

Um outro facilitador da aproximação com os vizinhos é o tempo de moradia num mesmo lugar. Quanto mais tempo a pessoa mora ali, mais ela parece se vincular aos seus vizinhos. Esta proximidade vai além de um contato superficial, pois as pessoas se auxiliam das mais variadas formas, como, por exemplo, ficando com as crianças um período para os pais saírem, como no caso do senhor Evandro. Já no caso do senhor Valdomiro, ele e sua esposa auxiliaram uma menina adolescente na sua adaptação ao fato de morar sozinha e à Porto Alegre e essa aproximação é tão forte que estas pessoas hoje em dia são consideradas como “membros da família”.

Diante desse cenário apenas o senhor Roberto e Joel relataram que tinham vizinhos que se tornaram amigos mais próximos. Eles formaram grupos de casais que saíam, iam a baile juntos, mas também se apoiavam nos momentos de dificuldade. Eles relatam que fizeram amizade com os vizinhos em vários locais que passaram. É interessante notar que eles foram os que tinham sido transferidos várias vezes de cidade e moravam longe da família de origem. Em função da proximidade com os vizinhos eles acabaram servindo de apoio em várias situações. Este afastamento da família de origem também os aproximou dos colegas de trabalho.

Com a passagem do tempo muitos amigos e vizinhos foram morrendo. Esta diminuição da rede se nota na comparação dos mapas quando pegamos os indivíduos isoladamente e não os grandes grupos. Nota-se que eles não aparecem repetidos no mapa pós-aposentadoria. Aparecem novos membros, novos grupos, mas amigos ou vizinhos isolados que se mantêm são muito poucos.

A maior disponibilidade de tempo advinda da aposentadoria também é sentida na relação com os vizinhos, como nos outros grupos. Como colocou o senhor Evandro, hoje, depois que se aposentou, ele tem mais contato com os vizinhos, passou a conhecê-los melhor, a ter mais contato. Antes, enquanto trabalhava, “era só bom dia e boa tarde”. O senhor Pedro também percebeu que aumentou o contato com os vizinhos depois que se aposentou e passou a ter tempo para conviver com eles.

Já o senhor Nilton acredita que o fato de ter mudado de um apartamento para uma casa, num bairro mais afastado do centro, tenha facilitado o contato com os vizinhos. Ele considera estes vizinhos atuais mais próximos do que aqueles do prédio onde morava antes. Ele diz que antes era um contato superficial, em função dos filhos ou quando precisavam reclamar sobre alguma coisa com a síndica. Hoje em dia é diferente, ele tem mais contato com os vizinhos, pára para conversar ou tomar chimarrão.

Como apresentado na pré-aposentadoria, o tempo de moradia também interfere na relação com os vizinhos na pós-aposentadoria. O senhor Evandro foi o participante que mais nomeou vizinhos que ele considerava que hoje eram seus amigos. Ele é o participante que mora a mais tempo no mesmo lugar, ou seja, há 52 anos no mesmo lugar. Ele citou sete vizinhos de quem é amigo. Ele mantém contato mesmo com aqueles que se mudaram do bairro, liga para saber como eles estão.

Para quem mora em apartamento, as áreas de lazer dos prédios, como quadras, churrasqueiras ou jardins são também uma opção para aproximação, como no senhor Sandro que hoje tem contato com vizinhos na pracinha do prédio, quando vai levar o neto para brincar ou então para tomar chimarrão. E como se vê, como no caso das famílias, as crianças continuam sendo uma motivação adicional na a aproximação das pessoas.

Em função do que foi apresentado anteriormente sobre a dificuldade de fazer novos contatos, os vizinhos podem ser uma possibilidade para aqueles idosos que não mantém vínculos além do familiar, facilitado principalmente em função da proximidade física. Como é o caso do senhor Nilton que em função de ter se mudado para uma casa, hoje tem uma relação bem mais próxima com os vizinhos.



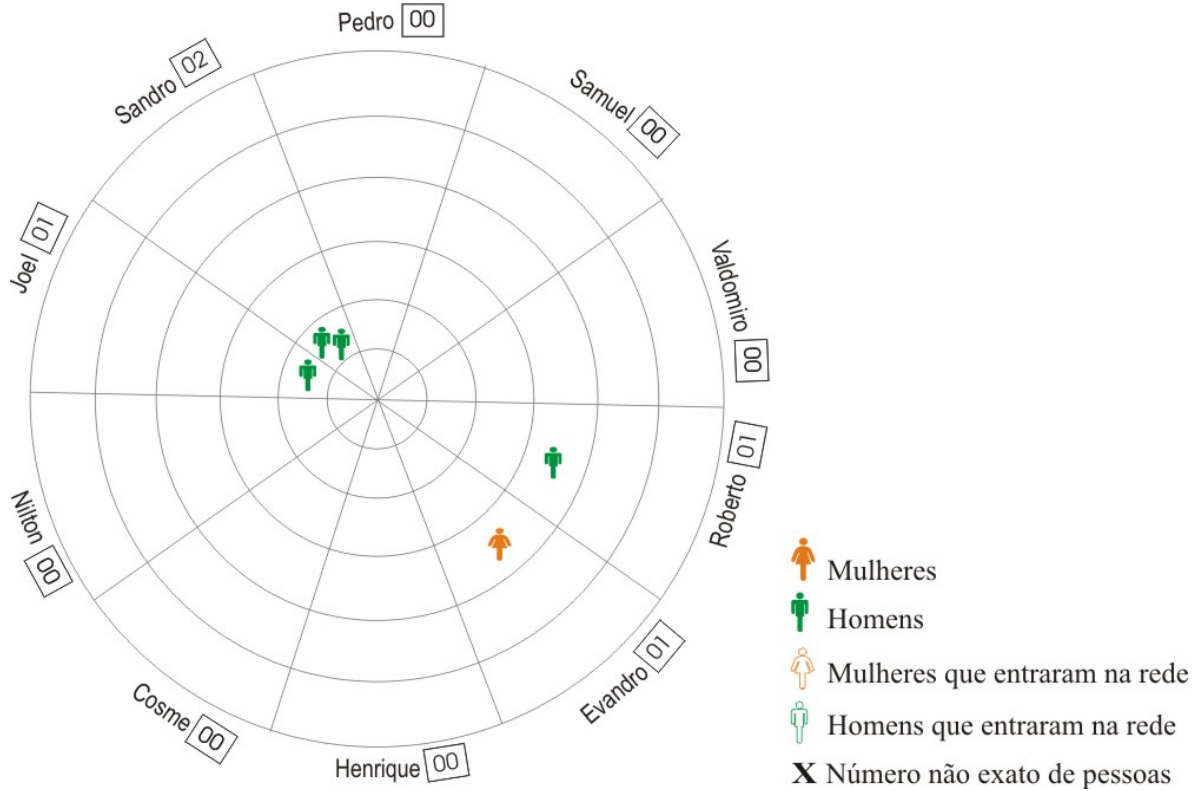
Percebe-se que existem vários modos de ingresso num grupo de amigos, como apontou o senhor Valdomiro. Ele citou que entrou num grupo de amigos novos de maneira inusitada, pois guardava seu carro sempre na mesma garagem e quando chegava à tardinha para deixar o carro tinha um grupo de homens conversando e tomando chimarrão. Até que um dia, após muitos anos, o convidaram para entrar na roda do chimarrão. Dali em diante ele nunca mais saiu do grupo. Hoje eles se encontram diariamente e para ele o grupo “ajuda na convivência né, ajuda, dá prazer, a gente se sente bem”.

Com o aumento do tempo livre, portanto, a rede de amigos e vizinhos acaba tendo um aumento no número de participantes. Mas, talvez, a mudança mais significativa seja no aumento de proximidade, intimidade com os amigos que ocorre com a aposentadoria. Percebe-se que as relações assumem uma outra dinâmica, preenchendo um espaço importante na afetividade dos idosos.

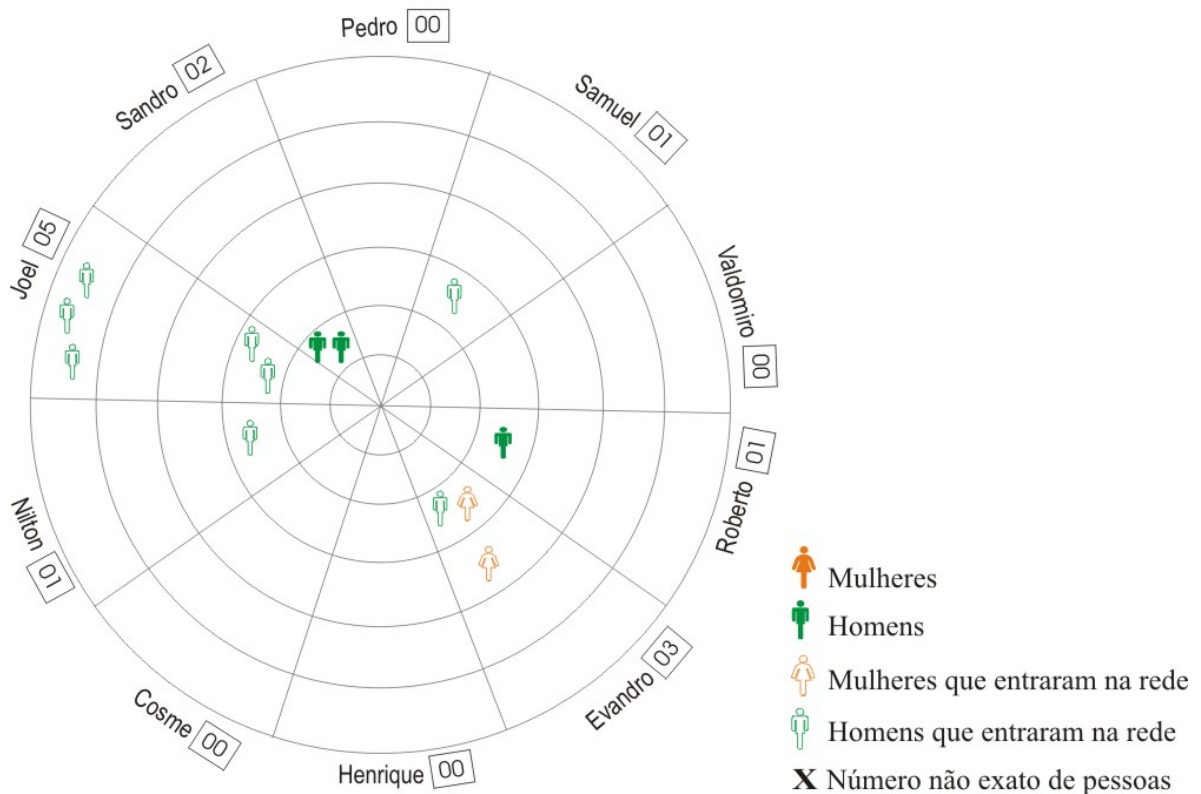
#### **4.5 Outros Contatos**

Nos outros contatos foram colocadas aquelas pessoas que basicamente não se encaixavam nos outros quadrantes, mas eram pessoas que de alguma forma faziam parte das relações dos participantes da pesquisa, como, por exemplo, médicos, advogados, padres, etc.

## MAPA DOS CINCO CAMPOS DE TRABALHADOR - OUTROS CONTATOS



## MAPA DOS CINCO CAMPOS DE APOSENTADO - OUTROS CONTATOS



No mapa antes da aposentadoria a maioria dos entrevistados não colocou nenhuma pessoa que fosse significativa para eles no quadrante dos outros contatos.

Como exceção os senhores Sandro e Joel colocaram os orientadores religiosos e do senhor Roberto citou o médico que o acompanha até hoje.

Comparando os dois mapas os outros contatos parecem aumentar não em função da aposentadoria, mas à medida que a idade avança, pois a saúde começa a apresentar problemas. Vários participantes nomearam seus médicos nos outros contatos como pessoas com as quais tem um vínculo (Samuel, Roberto, Evandro e Nilton) no segundo mapa. E os contatos que o senhor Sandro tinha antes da aposentadoria continuam sendo com os padres. Já o senhor Joel, em função da mudança de cidade, afastou-se um pouco do grupo de estudos que tinha na cidade onde morava, mas mantém contato com eles por telefone. E aqui em Porto Alegre está procurando fazer novos contatos para retomar os estudos.

Fericgla (1992) traz que o processo crescente de deterioração física e mental característico da velhice vai impedindo que as relações sociais se desenvolvam com normalidade, dificultando a aproximação das pessoas. E parece que neste grupo este estereótipo de velhice se presentifica de forma inversa, pois a principal motivação para uma aproximação, e não afastamento, com os novos membros desse grupo foi a precarização da saúde. Estes idosos, em função da média de idade, já começavam a apresentar algumas dificuldades físicas, e por isso precisavam de um acompanhamento médico. Em função disto, percebe-se, portanto, que a rede de outros contatos aumentou em função da saúde e não em função da aposentadoria.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira tem suas especificidades em relação ao envelhecimento. No Brasil, uma parcela significativa de idosos tem vitalidade e trabalha, mesmo depois de aposentada. Eles acabam assumindo, muitas vezes, o papel de fornecer suporte aos outros membros da família, mas nesta mesma sociedade existem também aqueles idosos dependentes. A sociedade brasileira precisa, portanto, se preparar para acolher grupos bastante distintos. Os dados desta pesquisa podem auxiliar no sentido de embasar a construção de políticas públicas para os idosos, pois apontam para uma revisão da visão da velhice como sendo aquele período de enclausuramento, de perdas e falta de saúde. Pelo contrário este pode ser também um momento de intensas vivências, principalmente no plano relacional, onde novas relações, ou mesmo relações antigas retomadas, podem definir um contorno bem mais atraente para este momento da vida.

O trabalho hoje em dia está muito associado a uma ética da felicidade e do consumo, constituindo-se como uma referência de identidade e prestígio social. Além disso, o trabalho ocupa grande parte da energia e do tempo das pessoas, e acaba se tornando um meio de aproximação do sujeito ao grupo social do trabalho. Os participantes da pesquisa percebiam o trabalho pelos seus aspectos positivos, como sendo algo que desenvolve a pessoa, favorecendo o seu amadurecimento. A dedicação dos entrevistados ao trabalho era muito grande, e justificada principalmente pelo apreço que eles tinham pela atividade e pela empresa.

Esta associação positiva muito centrada no trabalho dificulta que a pessoa ao se aposentar possa manter seu prestígio por outra via. Segundo os próprios participantes um modo de prevenir o isolamento social seria cultivar amizades pessoais. Mas a importância dada ao mundo do trabalho pode dificultar que o trabalhador procure investir em novos vínculos. E com o tempo esses laços vão se enfraquecendo, precisando ser retomados e reforçados.

A aposentadoria gerou nos participantes da pesquisa uma dificuldade de administrar as horas que sobravam, depois de ter trabalhado uma vida inteira.

Obrigando-os a fazer adaptações. Alguns participantes afirmaram que ficar parado era difícil, também em função de não estarem produzindo nada. A grande valorização do trabalho dificultava que eles pudessem valorizar positivamente as atividades que adotavam na aposentadoria.

O afastamento do trabalho pela aposentadoria pode, portanto, desestruturar instrumental e emocionalmente o aposentado. Para evitar esta desestruturação, sugere-se que ele inclua no seu dia-a-dia atividades instrumentais que lhe auxiliem a organizar o tempo e o estilo de vida. As atividades de lazer seriam uma possibilidade de proporcionar ao aposentado estabelecer novas redes e novos grupos que podem incluir novos contatos, como também reativar antigas relações. Com a aposentadoria as funções sociais que estavam condensadas no trabalho, precisam ser redimensionadas visando um equilíbrio e engajamento maior do aposentado com o seu entorno social, para que haja a manutenção da sua auto-estima, ressignificando positivamente este momento da vida. Diferenciando-se, desse modo, do estereótipo da velhice como um período apenas de perdas e sofrimento.

Com a aposentadoria as redes sociais também sofreram uma transformação bastante significativa. Na análise dos dados as redes sociais, diferentemente da teoria do desengajamento, não diminuíram de tamanho em função da aposentadoria. Os dados levantados apontam para um aumento do número de participantes das redes. Mas isso não quer dizer que as mesmas pessoas se mantivessem na rede antes e depois da aposentadoria. Houve sim, principalmente no caso da família e dos amigos e vizinhos um acréscimo de novos participantes. E a diminuição mais marcante ocorreu no caso dos parentes.

A família, por exemplo, parece ser aquele grupo que é mais afetado pela aposentadoria, pois o ex-trabalhador passa muito do seu tempo livre em casa e em função de atividades que antes não eram do seu domínio diário. Isso possibilitou à grande maioria dos participantes uma aproximação maior dos filhos e netos, sendo que esta é considerada satisfatória.

Com a aposentadoria um quadro que também se destaca é o distanciamento dos parentes. Os idosos perceberam que encontravam os parentes mais seguidamente quando os filhos, deles e dos irmãos, eram pequenos. Acreditam que isto se deve,

principalmente, ao fato de se tornar os “patriarcas” das famílias, isto é, houve uma modificação no papel familiar, o que acabou os levando a um papel mais central na dinâmica familiar. Um outro fator que interfere nessa convivência com os parentes é o avanço da idade e a conseqüente morte de muitos deles, principalmente dos irmãos.

Na rede de trabalhador, em função da participação na AGACOR há um aumento no número de vínculos, mas isso não quer dizer que os participantes das redes fossem os mesmos colegas de trabalho. Ocorre neste grupo um movimento centrífugo, que levou a um afastamento dos membros da rede, pois parece que as relações não são tão próximas quanto antes. Este afastamento parece ser compensado pela aproximação dos integrantes da rede no mapa da família e dos amigos e vizinhos.

Um ponto que precisa ser ressaltado é que essa aproximação com os colegas de trabalho, pode ter sido estimulada também pelo tipo de vinculação que o trabalhador tinha com a empresa. A maioria dos participantes falou muito bem do estímulo que sempre tiveram por parte da empresa no sentido de crescimento profissional. A empresa dava condições, através de treinamentos, do funcionário se dedicar e ser reconhecido, através de promoções. E, além disso, a empresa de algum modo estimulava o convívio entre os colegas, através de festas, por exemplo. Entende-se, portanto, que estas duas características também possam auxiliar a entender a vinculação que eles tem com os colegas de trabalho, mesmo depois da aposentadoria.

A rede dos amigos e vizinhos tem um aporte significativo de pessoas, bem como uma aproximação do idoso, principalmente em função dos novos grupos dos quais o aposentado passa a fazer parte: associações de bairro, grupo de chimarrão, grupo de idosos, etc. Ocorre, portanto, um aumento no número de pessoas da rede, mesmo que haja também uma diminuição do contato com antigos amigos. Quando ocorre uma dificuldade de contato e conseqüente afastamento dos amigos, os idosos tendem a fazer adaptações (como, por exemplo, contatos via telefone, ou diminuição de contato), redefinindo-se as expectativas com relação à amizade. Pessoas menos íntimas podem ser incluídas, mas sempre com o objetivo de garantir experiências positivas.

O tempo liberado da aposentadoria foi muito significativo na manutenção e no incremento das redes sociais dos participantes da pesquisa. Não ocorreu, como defendido pela teoria do desengajamento, um distanciamento dos grupos dos quais o

idoso faz parte e conseqüente isolamento social. Aqueles participantes da pesquisa que não tinham vínculos a não ser com a família, os parentes e os colegas de trabalho, apresentaram dificuldades de se adaptar a aposentadoria. Estes dados corroboram o que se falou a respeito da característica das redes sociais como preditoras de longevidade. E em função destes dados, seria importante estimular o contato dos idosos com outras redes sociais mesmo antes da aposentadoria, pois, a velhice social não é uma fatalidade, mas sim decorrência das vivências e investimentos do sujeito ao longo da vida. Para que ela não ocorra é indicado haver uma preparação prévia para que o futuro aposentado perceba as inúmeras possibilidades deste período e invista em seus projetos. Nesta preparação o idoso deve se reprogramar em relação às suas prioridades e em relação a como vai aproveitar seu tempo livre advindo da aposentadoria.

É importante ressaltar que os resultados a que se chegaram nesta dissertação não têm a pretensão de serem generalizados, pois foram obtidos de uma amostra com características muito específicas.

## 6 REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

ANTONUCCI, Toni, C. Social Relations: na examination of social networks, social support and sense of control. In: BIRREN, James, E; SCHAIE, Warner (Eds.). **Handbook of The Psychology of Aging**. 5ªed. Academic Press, 2001.

ARENDT, ANNA. **A condição Humana**. São Paulo: Forense/Universitária/Edusp, 1981

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70: Lisboa, 1977.

BOTT, Elisabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.) **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARLOS, Sergio Antonio; JACQUES, Maria da Graça Correa; LARRATEA, Sandra Vieira; HEREDIA, Olga Collinet. Identidade, Aposentadoria e Terceira Idade. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**. Porto Alegre, v.1, p 77-88, 1999.

CIAMPA, Antonio da Costa . A estoria do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DABAS, Elina Nora. **Red de Redes - Las prácticas de la intervención en redes sociales**. Argentina, Paidós, 1995.

ERBOLATO, Regina M. Prado Leite. Relações sociais na velhice. In: FREITAS, Elizabete et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002. p. 957-964.



FERICGLA, Josep M. **Envejecer – Uma antropologia de la ancianidad**. Barcelona: Anthropos, 1992.

FERRARI, Maria Auxiliadora Cursino. Lazer e ocupação do Tempo Livre na Terceira Idade. In. NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada**. São Paulo: Ed. Atheneu, 2002.

FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. **Revisitando as psicologias: da epistemologia a ética das práticas e discursos psicológicos**. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

FONSECA, Tânia Mara Galli; GIACOMEL, Angélica Elisa; ENGELMAN, Selda. Modos de trabalhar, modos de subjetivar no contemporâneo (trabalho e seubjetivação).. **Revista do Departamento de Psicoogia – UFF**, v. 14. n° 2, p.19-37, 2002.

FOOKEN, Insa. **Potenciais de desenvolvimento na idade adulta sob a perspectiva da especificidade dos sexos**. Palestra ministrada no Fórum da Pesquisa Qualitativa promovido pela Universidade Federal de Juiz de Fora. (18-20 de agosto de 2005).

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as Formas Jurídicas ou Microfísica do poder**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: PUC, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Nascimento da Prisão. 30ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GODOY, Arilda S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**. n° 3, v.35 (maio-junho), 1995. p.20-29.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JACQUES, Maria da Graça Correa. O envelhecer no Brasil: um processo de continuidade versus exclusão no mercado de trabalho. In: **Psicologia, Educação e Cultura**. n° 2, vol III (dez., 1999)

LEHR, Ursula. **Psicologia de la senectud**. Barcelona: Editorial Herder, 1980.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado. In: **Estudos de Psicologia** (Campinas) v.22 n.1 Campinas mar. 2005. Disponível em: <[http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100004&lng=pt&nrm=iso)> . Acessado em: 27/03/06.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAIS, José Luis Bolzan de **A subjetividade do tempo**. Porto Alegre: Livraria do Advogado. Santa Cruz do Sul. RS: EDUNISC, 1998.

MOREIRA, Morvan de Mello. **Envelhecimento da população brasileira: aspectos gerais**. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/text/pop2001-5.doc>>. Acessado em: 30/09/03.

MOTTA, Edith. Envelhecimento Social. In: Salgado, Marcelo Antonio. **Gerontologia Social : teorias do envelhecimento**. Rio de Janeiro: CBCISS, 1993

NARDI, Henrique Caetano; TITTONI, Jaqueline; BERNARDES, Jefferson Souza. Subjetividade e Trabalho. In: CATTANI, A.D. (Org.) **Trabalho e Tecnologia – Dicionário Crítico**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.

NÉRI, Anita Liberalesso. **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas, Brasil: Papyrus. (1995)

RODRIGUES, Nara Costa. **Aspectos sociais da aposentadoria**. In SCHONS, C. R. & PALMA, L. S. (org.). *Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social*. Passo Fundo, RS: UPF, 2000. p. 21-25.

Salgado, Marcelo Antonio. **Gerontologia Social: teorias do envelhecimento**. Rio de Janeiro: CBCISS, 1993. 93 p.

SANCHEZ-SALGADO, Carmen Della Sanchez. **Gerontologia Social**. Porto Rico: Publicaciones Puertorriqueñas, 1999.

SAMUELSSON, Margareta; THERNLUND, Gunilla; RINGSTRÖM, Jerker. Using the five field map to describe the social network of children: a methodological study. In: **International Journal of behavioral development**, 1996, 19 (2), 327-345.

SILVA, Rosane Neves da. **ÉTICA E PARADIGMAS: desafios da psicologia social contemporânea**. 2003.

STREY, Marlene Neves. et al. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SLUZKI, Carlos, E. **La red social: Frontera de la practica sistêmica**. Barcelona, Editorial Gedisa, 1998.

TITTONI, Jaqueline; JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Pesquisa. In: STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia Social Contemporânea – Livro Texto**. 6ª ed. Ed. Vozes: Petrópolis, 1998. p. 73-85.

VICTORELLI, Luis. **Aprender a parar**. Pesquisa Especial/Trabalho. De Bauru Internet:  
<[http://www.usp.br/jorusp/arquivo/1999/jusp471/manchet/rep\\_res/rep\\_int/pesqui4.html](http://www.usp.br/jorusp/arquivo/1999/jusp471/manchet/rep_res/rep_int/pesqui4.html)  
>. Acessado em: 06/06/05.

VIGERA, Virginia G de. Identidad y Autoestima em lo Adultos Mayores. In: **Revista Tiempo** (Online) Número 5 - Junio 2000. Disponível em: <<http://psiconet.com/tiempo>>. Acessado em : 28/03/06

## ANEXO A - ENTREVISTA

1. Em que município, Estado e País o senhor. Nasceu?

.....

2. Nasceu no meio urbano ou rural?

.....

3. Qual o seu estado civil atual?

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> casado                | <input type="checkbox"/> separado |
| <input type="checkbox"/> solteiro              | <input type="checkbox"/> N/S      |
| <input type="checkbox"/> viúvo                 | <input type="checkbox"/> N/R      |
| <input type="checkbox"/> desquitado/divorciado |                                   |

4. Qual a sua idade? Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

5. Qual é o seu nível de escolaridade?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Analfabeto          | <input type="checkbox"/> Alfabetizado fora da escola |
| <input type="checkbox"/> Primário incompleto | <input type="checkbox"/> Primário Completo           |
| <input type="checkbox"/> Ginásial incompleto | <input type="checkbox"/> Ginásial Completo           |
| <input type="checkbox"/> Complementar        | <input type="checkbox"/> Secundário Incompleto       |
| <input type="checkbox"/> Secundário completo | <input type="checkbox"/> Superior incompleto         |
| <input type="checkbox"/> Superior completo   | <input type="checkbox"/> N/S                         |
| <input type="checkbox"/> N/R                 |  |

6. Quantos filhos o senhor teve? \_\_\_\_\_

7. Destes filhos quantos estão vivos? \_\_\_\_\_

8. Atualmente o sr mora?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> sozinho                                | <input type="checkbox"/> com cônjuge ou companheira                     |
| <input type="checkbox"/> com filho(s)                           | <input type="checkbox"/> com neto(s)                                    |
| <input type="checkbox"/> com parentes (irmãos, tios, sobrinhos) | <input type="checkbox"/> com pessoas na parentes(amigos, desconhecidos) |
| <input type="checkbox"/> com pais e/ou sogros                   | <input type="checkbox"/> com netos                                      |
| <input type="checkbox"/> com empregada                          | <input type="checkbox"/> com profissional de enfermagem                 |
| <input type="checkbox"/> outros                                 | <input type="checkbox"/> N/S  |
| <input type="checkbox"/> N/R                                    |   |

9. Qual o tipo de sua moradia?

- |   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> casa             | <input type="checkbox"/> apartamento  |
| <input type="checkbox"/> quarto ou cômodo | <input type="checkbox"/> outros _____ |

10. Qual a condição desta moradia?
- |                                       |                                  |
|---------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> própria      | <input type="checkbox"/> alugada |
| <input type="checkbox"/> cedida _____ | <input type="checkbox"/> N/S     |
| <input type="checkbox"/> N/R          |                                  |

11. Com que idade o senhor começou a trabalhar em atividade remunerada?

\_\_\_\_\_ Anos

12. Como o senhor descreveria o tipo de atividade que realizava no trabalho, sua rotina?

.....

.....

.....

13. De algum modo ela afetava sua vida fora do trabalho?

.....

.....

.....

### APLICAÇÃO DO MAPA DAS REDES SOCIAIS DE TRABALHADOR



MAPA DE TRABALHADOR

	Nome da pessoa	Tipo de relação com a pessoa	Tipo de atividade	Frequência
Família  <input type="checkbox"/>				
Parentes  <input type="checkbox"/>				
Vizinhos/ Amigos  <input type="checkbox"/>				
Trabalho  <input type="checkbox"/>				
Contatos Formais  <input type="checkbox"/>				

14. Com que idade o senhor se aposentou? \_\_\_\_\_ Anos

15. Qual foi o motivo da sua aposentadoria? \_\_Tempo de Serviço \_\_idade

16. O senhor voltou a trabalhar após a aposentadoria, mesmo sem vínculo formal?  
 Sim  Não
17. Qual atividade?.....
18. Durante quantos anos desenvolveu esta atividade?  Anos
19. Qual o motivo do afastamento?.....
20. Qual a origem da sua renda?  
 Complementação fundo (caixa de pensões,etc)  Salário  
 Aluguel  Poupança  
 Pensão  Serviços eventuais  
 Serviços Permanentes  Outros: \_\_\_\_\_  
 Não sabe  Não respondeu
21. Qual a sua principal despesa?  
 Saúde  Habitação  
 Alimentação  Ajuda Familiar  
 Vestuário  Lazer  
 Outros \_\_\_\_\_  Não sabe  
 Não respondeu
22. Qual a sua participação econômica no núcleo familiar?  
 Único responsável  Maior responsável  
 Divide responsabilidades  Sem participação  
 Outro \_\_\_\_\_  Não sabe  
 Não respondeu

#### APLICAÇÃO DO MAPA DAS REDES SOCIAIS NA APOSENTADORIA



MAPA DE APOSENTADO

	Nome da pessoa	Tipo de relação com a pessoa	Tipo de atividade	Frequência
Família  <input type="checkbox"/>				
Parentes  <input type="checkbox"/>				
Vizinhos/ Amigos  <input type="checkbox"/>				
Trabalho  <input type="checkbox"/>				
Contatos Formais  <input type="checkbox"/>				

23. O senhor acredita que a aposentadoria tenha mudado a sua vida? Em que sentido?

.....

.....

.....

.....



24. Qual a importância/relevância dos grupos do qual o senhor faz parte hoje?

.....  
.....  
.....  
.....

## **ANEXO B – Consentimento Livre e Esclarecido**

A presente pesquisa para os fins de dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional/UFRGS visa analisar as redes sociais de homens idosos aposentados.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada, se no decorrer da pesquisa o participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo, sendo que esta entrevista será gravada em fita de áudio K7 e depois transcrita.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Psicóloga Priscila Zazyki Marques sob a orientação do professor Dr. Sergio Antonio Carlos. Tal pesquisadora se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou atender qualquer necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente, através do telefone (51) 9162-7696 ou (51) 3316-5283, com o professor Dr. Sergio Antonio Carlos.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2005.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Entrevistador: Psic. Priscila Z. Marques - Fone: 9162-7696

---

Orientador: Sergio Antonio Carlos